

ABRIL AGOSTO 2012

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

PROGRAMAÇÃO ABR-AGO 2012

ABRIL AGOSTO 2012

O Festival é uma das fórmulas mais usadas na feitura de uma programação. Num período de tempo mais ou menos curto, concentra-se a apresentação de uma abundante multiplicidade de espetáculos, sessões de cinema, concertos, etc., unificados por um tema, por um ponto de vista artístico, pela mesma natureza dos eventos oferecidos.

A enorme expansão da fórmula – há muitos milhares de festivais de todo o tipo em todo o mundo, e difíceis de contar os que existem no nosso país ou em Lisboa – deve-se, entre outras razões, ao seu poder de atração junto do público que corresponde a uma certa forma de usufruir a experiência cultural. Salta-se – normalmente acompanhado de amigos, familiares, conhecidos –, de experiência em experiência, acumulam-se, sobrepõem-se sensações. Este intenso consumo harmoniza-se com o estilo de vida rápido e muitas vezes superficial que nos domina.

A Culturgest já há bastantes anos que não organiza Festivais, procurando antes ter nos seus espaços uma oferta cultural constante ao longo do ano. Mas acolhe festivais ou partes deles e é coprodutora de alguns. O que parece contraditório com o que se começou por dizer. Só que o festival não tem apenas essa faceta “consumista” (a que cada um, se quiser, pode resistir e recusar) tem também a grande virtude de tornar possível a apresentação de filmes, espetáculos, etc., que só encontram o seu público se incluídos num festival, ou só nesse contexto, no confronto que estabelece com outras produções, é possível apreciá-los em toda a sua complexidade.

Na programação desta primavera/verão acolhemos pela primeira vez o festival RESCALDO, em que se procura dar a conhecer linguagens e músicos portugueses que merecem uma visibilidade maior do que aquela que vão tendo em circuitos alternativos. Recebíamos imensas propostas, algumas delas muito interessantes, de jovens criadores, mas não tínhamos um contexto onde as apresentar. Agora já temos, com o acolhimento e o contributo financeiro que damos ao RESCALDO.

O IndieLisboa bateu à nossa porta em 2010 e desde então, com proveito e gosto mútuos, estabelecemos uma sólida relação, cada ano aperfeiçoada. Porque todos os anos exemplarmente cumpre o que exprime como sua vocação: “um lugar de entusiasmas descobertas dos filmes (...) que fazem a atualidade do melhor cinema nacional e internacional”.

O Alcantara festival é, em nossa opinião, o mais importante festival de artes performativas que se realiza em Portugal, não desmerecendo os muitos e bons outros festivais que existem na nossa terra. Os espetáculos de teatro e dança que oferecemos integrados no Alcantara são dos melhores que apresentamos ao longo do ano. *The Quiet Volume* é um espetáculo de autoteatro, para duas pessoas de cada vez, que decorre na Biblioteca Nacional. Uma experiência excepcional que tem passado por cidades como Berlim, Varsóvia, Buenos Aires, Zurique ou Londres e que não deve perder. *Big Bang* é uma criação de Philippe Quesne/Vivarium Studio que se seguiu aos seus dois maravilhosos espetáculos que apresentámos em 2009, considerados de entre os dez melhores desse ano. Ainda incluído no Alcantara poderá ver, no nosso Grande Auditório a belíssima peça de Anne Teresa De Keersmaeker (“artista na cidade”) *En Attendant*, que estreou em Avignon em 2010, com enorme sucesso, e no Pequeno Auditório a conferência-performance de João Fiadeiro e Fernanda Eugénio com o estranho título *Secalharidade*.

O Festival Internacional de Teatro de Almada é o principal festival de teatro do país. Este ano a nossa colaboração com ele inclui uma nova criação de Pedro Gil, *Enquanto Vivermos*, e um espetáculo de (novo) circo, *Murmures des Murs*, concebido pela filha de Chaplin, Victoria Thierrée-Chaplin, para a sua filha Aurélia Thierrée, certamente um dos mais belos, subtis, maravilhosos, espetáculos que apresentamos ao nosso público ao longo de 2012. Há muitas coisas boas neste ano difícil.

Dizíamos que não organizávamos festivais. Não é absolutamente verdade se entendermos que a apresentação de uma seleção de peças de teatro do nosso projeto PANOS, na sua sétima edição, for considerada um minifestival. Pois seja. E que vale a pena assistir a essa seleção, vale.

Nem tudo o que temos para lhe oferecer nestes meses, evidentemente, se insere na programação de festivais. O jazz do sexteto de André Fernandes, comemorando o lançamento do seu último CD, *Motor*, ou o de Sara Serpa e Ran Blake que se juntam para gravarem ao vivo o seu segundo CD, os concertos do ciclo “Isto é Jazz?”, as instalações / *performances* em torno da música eletrónica organizadas pela Granular nos ciclos “Vinte e sete sentidos” e “Metasonic” não fazem parte de nenhum festival.

Em maio completamos o conjunto de quatro ciclos de conferências sobre alguns dos principais problemas que nos afetam individual e coletivamente. Este último ciclo, por Viriato Soromenho-Marques, aborda o tema do Ambiente, das alterações climáticas, que a crise atual tem feito esquecer, como se não houvesse uma ligação inelutável entre qualquer solução que finalmente se encontre para os problemas que nos afligem e a questão ambiental.

Mário Moura conclui o seu concorrido ciclo de conferências. Com organização de Manuel Deniz Silva e Pedro Rodrigues, da Universidade Nova, apresentamos três

conferências sobre as relações entre a música e o cinema. Um outro grupo de palestras debruça-se sobre a recuperação e reabilitação de salas de espetáculos. Sendo um tema que interessa a profissionais do setor, pode entusiasmar o espectador que se senta na plateia de um teatro porque fala do que habitualmente não vê.

Palavras finais para chamar a atenção, como costumamos fazer, para as diversas aliciantes atividades que o nosso Serviço Educativo vem reinventando todos os anos, sempre na procura do que melhor pode servir os diversos públicos, e para o nosso programa de exposições.

Sabemos que não são, sempre, exposições fáceis. Por vezes são mesmo difíceis, exigem grande disponibilidade e curiosidade do visitante. Sabemos também que, salvo os artistas portugueses (e neste período abrimos, em Lisboa, uma exposição dedicada aos filmes que António Palolo realizou entre o final da década de 60 e o final da década de 70, e, no Porto, uma de Pedro Casqueiro, com obras que revelam uma faceta quase desconhecida deste artista), os estrangeiros que apresentamos, como o americano Michael E. Smith, a alemã Katinka Bock, ou o belga Jef Geys, nada dizem à esmagadora maioria das pessoas, embora alguns deles sejam figuras de culto internacionais, como é o caso de Jef Geys, ou estejam em ascensão na cena internacional da arte, como acontece com Michael E. Smith, que, por exemplo, participa agora na Bienal de Whitney. É uma programação de grande risco que prosseguimos com profunda convicção porque achamos que o nosso público deve ter a possibilidade de conhecer estes artistas e estas obras, pelas fortes experiências que proporcionam, pelas intrigantes questões que levantam, mesmo quando são rejeitadas. Esperamos por si.

Continuamos o nosso caminho. Mas agora sem deixar pegada.

Em 2010, a Caixa Geral de Depósitos deu início à concretização do compromisso Caixa Carbono Zero, compensando as emissões de gases com efeito de estufa associadas, entre outros, à Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest, que desde 1993 gere os espaços culturais do Edifício Sede da CGD.

O Programa Caixa Carbono Zero é um projeto estratégico, transversal a toda a atividade do Banco e assumido ao mais alto nível da gestão, assente em cinco vetores de atuação: Informar, Reduzir, Compensar, Desenvolver novos negócios e Comunicar.

A CGD foi a primeira instituição financeira portuguesa a aderir ao Carbon Disclosure Project (CDP), uma organização não-governamental que se apresenta como a referência na divulgação de informação sobre estratégias empresariais de resposta às alterações climáticas e que detém a maior base de dados mundial de emissões de carbono de empresas.

No universo Culturgest foi desenvolvido um conjunto alargado de ações: inventariação das emissões de carbono associadas ao consumo de energia, tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, implementação de medidas de

eficiência energética para redução das emissões de carbono.

Desde 2008, as emissões de carbono da Culturgest têm decrescido progressivamente – cerca de 35%, também devido a fatores naturais de produção de energia favoráveis. Novas medidas como a utilização de lâmpadas com maior eficiência energética, a instalação de sensores de presença em zonas de passagem e armazéns/arrumos e a alteração do sistema de iluminação cénica do auditório continuarão a contribuir para a redução dos consumos de energia. Estas medidas permitem diminuir em cerca de 16.500 kWh/ano o consumo

de eletricidade, o equivalente ao consumo médio de cinco habitações, durante o mesmo período.

Tem existido também uma forte aposta na utilização de energias renováveis como é o caso da Central Solar Térmica instalada no topo do Edifício. Esta Central permite uma poupança de mais de 1 milhão de kWh de eletricidade por ano, o equivalente a cerca de 1 kg de CO₂e por cada minuto de funcionamento.

Estas e outras medidas resultaram na atribuição de um Certificado de Desempenho Energético e de Qualidade do Ar Interior A+ a este edifício e na obtenção do Prémio EDP – Energia Elétrica e Ambiente, uma iniciativa que distingue as empresas que demonstram ter conseguido otimizar a eficiência da energia elétrica no respeito pelos valores do ambiente.

A preocupação com um consumo mais eficiente é transversal ao recurso água. Foi implementado um conjunto de medidas, das quais se podem destacar a instalação de reductores de caudal em mais de 600 torneiras do edifício e de equipamentos de lavagem de loiça que permitem a reciclagem de água na cantina. A redução de consumo, apenas no primeiro semestre de 2010, foi de 9.000m³ (9.000.000 litros).

A gestão correta dos resíduos constitui mais um objetivo para a Culturgest. Sempre que possível, estes são devidamente encaminhados para soluções de valorização. Aliás, a gestão de resíduos dos espaços Culturgest é, na

sua maioria, partilhada com o sistema de gestão global do edifício, cuja taxa de reciclagem se situa acima dos 90%. Assim, não só se garante a sua transformação em novos produtos, como se evita a emissão de mais de 470 toneladas de carbono por ano, associadas ao seu encaminhamento para incineração ou aterro.

Estas iniciativas não são, por si só, suficientes para evitar por completo as emissões de carbono associadas à utilização destes espaços. A Culturgest compensa as emissões que não consegue evitar através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil.

Este projeto consiste na instalação de um sistema de cogeração que utiliza resíduos de biomassa como combustível, permitindo substituir as caldeiras a fuelóleo anteriormente utilizadas e reduzir o consumo de eletricidade da rede, gerando uma redução das emissões de CO₂ associadas ao funcionamento da instalação. O projeto cumpre os requisitos *Voluntary Carbon Standard* (VCS). No total serão compensadas cerca de 739 toneladas de dióxido de carbono equivalente (CO₂e) relativas ao ano de 2010.

Culturgest,
Espaço CarbonoZero®

Resumindo, estas são as principais medidas adotadas:

• **Central de energia solar que beneficia todo o Edifício Sede da CGD**

- **Utilização de lâmpadas de baixo consumo energético**
- **Sistema de gestão de iluminação que desliga as luzes automaticamente fora do horário de trabalho**
- **Sistema de ar condicionado dos escritórios desligado aos fins de semana**
- **Sistema de ar condicionado das zonas de público ligado apenas nos períodos de espetáculos**
- **Sistema de shutdown automático dos computadores fora do horário de trabalho**
- **Impressoras centralizadas, com configuração de impressão de baixa qualidade e de dupla face por defeito**
- **Fora dos períodos de maior circulação, metade dos elevadores são desligados**
- **Caixotes de lixo com separação por tipos para reciclagem**
- **Diminuição progressiva da utilização de suportes em papel para a divulgação, privilegiando a divulgação por meios eletrónicos (Internet e e-mail)**
- **Empréstimo de equipamento cénico mais antigo a teatros com menores recursos técnicos (poupança da energia incorporada no fabrico de novos equipamentos)**
- **Utilização de materiais reciclados nos ateliers do serviço educativo**
- **Ações de sensibilização a todos os funcionários sobre comportamentos ambientalmente corretos**



Música

- 12 **André Fernandes** Motor
- 14 **Festival RESCALDO**
- 26 **Aurora** Sara Serpa e Ran Blake
- 34 **Trespass Trio + Joe McPhee**
- 42 **MALUS** Wooley / Antunes / Corsano

Conferências

- 18 **Ciclo de Conferências Mário Moura**
- 22 **Os sons que estão a mudar a imagem do mundo**
Música, cinema e novos *media*
- 24 **Alterações climáticas: a crise que não sabemos pensar** por Viriato Soromenho-Marques
- 28 **Recuperação e reabilitação de salas de espetáculos**

Cinema / Vídeo

- 20 **IndieLisboa'12**
- 62 **Jos de Gruyter e Harald Thys** Projeção de filmes

Música / Instalação / Performance

- 30 **N'est pas** de Pedro Tudela
- 48 **Ciclo Metasonic opensound**

Teatro

- 32 **PANOS** palcos novos palavras novas
- 36 **The Quiet Volume** de Ant Hampton e Tim Etchells
- 38 **Big Bang** de Philippe Quesne / Vivarium Studio
- 50 **Enquanto Vivermos** de Pedro Gil

Conferência / Performance

- 40 **Secalharidade** de João Fiadeiro e Fernanda Eugénio

Dança

- 44 **En Attendant** de Anne Teresa De Keersmaecker

Visita coreografada

- 46 **Metamorfose**

Novo circo

- 52 **Murmures des Murs**
de Victoria Thierée-Chaplin com Aurélia Thierrée

Exposições

- 56 **Livraria de arte**
- 58 **Michael E. Smith**
- 60 **Katinka Bock** Personne
- 64 **Jef Geys** As Sombras de Lisboa
- 66 **António Palolo** Os filmes
- 68 **Jos de Gruyter e Harald Thys**
Objetos como Amigos
- 70 **Pedro Casqueiro**
- 72 **Pedro Casqueiro** (Chiado 8)
- 74 **Zona Letal, Espaço Vital**
Obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos

- 78 **Serviço Educativo**

Formação

- 90 **Cenografias móveis** (workshop)
- 92 **Salas de espetáculos: aspetos técnicos, cénicos e arquitetónicos** (curso)
- 96 **Informações**

Programação

André Fernandes

Motor



QUI 12 DE ABRIL

Grande Auditório
21h30 · Duração aprox. 1h20
15€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Guitarra André Fernandes **Piano/Rhodes** Óscar Marcelino da Graça **Contrabaixo** Demian Cabaud **Bateria** Marcos Cavaleiro **Saxofone** Zé Pedro Coelho (convidado) **Trompete** Susana Santos Silva (convidado)

Um novo disco de André Fernandes é sempre um sinal de alerta à navegação do jazz nacional, ou não se tratasse de um dos músicos mais criativos e sólidos da atualidade. Em *Motor*, o guitarrista retoma o quarteto criado para parte do álbum *Imaginário*, de 2009, privilegiando a consistência do trabalho numa “banda”, coisa rara no universo do jazz. Para além de Bernardo Sassetti (piano/rhodes), Demian Cabaud (contrabaixo) e Marcos Cavaleiro (bateria), o disco conta ainda com os convidados Zé Pedro Coelho (saxofone) e Susana Santos Silva (trompete). Várias vezes distinguido pela crítica especializada, André Fernandes tem projetado a sua carreira internacional colaborando com figuras como Lee Konitz, Perico Sambeat, David Binney e muitos outros. Paralelamente, os seus seis álbuns em nome próprio formam um corpo criativo onde predominam as composições originais, centradas na linguagem do jazz mas transpirando as influências do rock ou da música eletrónica.

André Fernandes completou os seus estudos na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal (HCP). Em 1996 recebeu uma bolsa da Berklee College of Music, em Boston, que frequentou até se mudar para Nova Iorque. André tornou-se num nome de referência no jazz português e internacional através do seu percurso notável como líder e acompanhante de inúmeros músicos de renome como Maria João, Sassetti, Stanko, McHenry, Bernardo Moreira, Laginha, Orquestra Jazz de Matosinhos, Big Band do HCP, Ohad Talmor, João Paulo Esteves da Silva e Barretto, entre muitos outros. Os seus trabalhos têm sido muito bem recebidos pela crítica e pelo público. Em 2007 *Cubo* é eleito disco do ano pela Jazzlogical.net. Logo a seguir é distinguido como músico do ano pelo jornal *Público* e *Imaginário* fica entre os melhores CDs de 2009.

Estou sempre na expectativa de ouvir o que o André anda a fazer. Ele é um grande guitarrista e um grande compositor. Também tive o prazer de tocar com ele muitas vezes e foi sempre um estouro. Motor é a continuação da sua brilhante jornada musical.
David Binney

Que música formidável! Bela e imaginativa. E vindo de quem vem, de alguns dos meus músicos preferidos, não podia ser menos.
Perico Sambeat

www.reverbNation.com/andrefernandes
www.andrefernandes.com
andrefernandes.bandcamp.com

With six solo albums already to his name, André Fernandes is one of the most creative figures in modern jazz, having begun his international career with such figures as Lee Konitz, Perico Sambeat, David Binney and many others. After studying at the Hot Clube de Portugal, he attended the Berklee College of Music in Boston, later moving to New York. Warmly received by critics and audiences alike, he was considered musician of the year in Portugal in 2009, with his album *Imaginário* being voted one of the best CDs. The quartet that accompanied him then also feature on his latest release *Motor*.

Festival RESCALDO

QUA 18, QUI 19, SEX 20
DE ABRIL

Pequeno Auditório
5€ (preço único)

M12

Produção Culturgest/
Trem Azul
Comissário Travassos
Textos Bruno Silva **Parceiros
de comunicação** Wake Up
Web development Cláudio
Fernandes e Travassos
www.festival-rescaldo.info

O Festival RESCALDO é um encontro de nomes e projetos musicais que se destacaram na cena nacional em 2011, focando a sua programação na fértil diversidade das movimentações emergentes da eletrónica, improvisação, eletroacústica, do rock e do jazz.

Tem como objetivo enfatizar e dar a conhecer linguagens e também músicos que merecem destaque pela qualidade, importância e contributo para a vitalidade criativa da música feita em Portugal.

Presente na capital desde 2007, a 5ª edição de RESCALDO conta com nove concertos, um lançamento de um livro, duas exposições, um DJ Set e um lançamento de uma nova editora que visa

abrir mais uma porta de forma a impulsionar e dar visibilidade a este panorama.

Held in Lisbon since 2007, the RESCALDO Festival is now in its 5th year. Bringing together Portugal's leading musical projects and names from 2011, it focuses on the exciting range of new movements emerging in electronics, improvisation, rock and jazz, as well as revealing lesser known musicians whose work is marked by its quality and creative vitality. This year's festival will involve nine concerts, a book launch, two exhibitions, a DJ Set and the launch of a new music label created to give greater visibility to this field.



© Travassos

Qua 18 de abril, 21h30
Pequeno Auditório
**Duração aproximada: 1h45
com intervalo**



Feltro
Sintetizador modular,
Sistema mecânico-lumínico:
André Gonçalves

Com um currículo notável no domínio das músicas mais experimentais (predominantemente eletrónicas), André Gonçalves tem vindo a desenvolver um fascinante corpo de obra a solo sob o nome de Feltro. Explorador incansável e minucioso das particularidades do som enquanto matéria, Gonçalves chega à melodia por intermédio do processamento desse mesmo som impoluto, através do computador e de objetos eletrónicos criados ou modificados por ele mesmo. Partindo de um conhecimento profundo desse vasto campo tecnológico, o seu trabalho incorre numa manifestação

sapiente de todo um mundo de possibilidades a ganhar forma.
www.andregoncalves.info



Calhau!
Objetos, eletrónicas: Alves Von
Calhau e Marta Von Calhau

Um dos projetos mais inclassificáveis do panorama da música experimental/exploratória em Portugal, este duo formado por Alves e Marta Von Calhau! Tem procurado levar a manipulação e recriação de brinquedos, gira-discos e demais objetos eletrónicos para campos cada vez mais personalizados. Sediados no Porto, os Calhau! Têm vindo a desenhar um fascinante arco evolutivo, onde uma música feita de sons inqualificáveis serve de estrutura para temas onde a *performance* assume um papel determinante para a construção de um imaginário bizarro. Tendo o palco como local privilegiado para a ação, os Calhau! propõem sempre uma nova abordagem a cada nova aparição. Reflexo de um trabalho contínuo de exploração dos limites da canção nascida no seio do abstracionismo.
www.einsteinvoncalhau.com

Qui 19 de abril, 21h30
Pequeno Auditório
**Duração aproximada: 1h45
com intervalo**

Tó Trips
Guitarra acústica: Tó Trips

Figura essencial para o rock – nas suas diversas frentes – feito em Portugal nos últimos 25 anos, Tó Trips é senhor de uma carreira com passagem por projetos tão meritórios como os Santa Maria, Gasolina em teu Ventre ou os Lulu Blind. Em tempos mais recentes tem estado particularmente ativo nos Dead Combo, de onde retirou ilações para aquilo que tem vindo a criar enquanto solista. Numa abordagem ao instrumento despida de grandes artificios, Tó Trips cria peças intimistas com uma forte componente imagética de lugares incertos mas sempre envolventes.

www.vimeo.com/9184235
www.myspace.com/totripsguitar



© Márcio Vilela

© Vera Marmelo



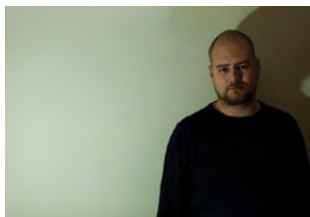
Olive Troops SOS
Composição: Carlos Nascimento
Direção musical: Bruno Silva
Arranjos: Vitor Lopes

Tendo já colaborado entre si em várias ocasiões através de projetos como Osso e Brisa Panaca, Vítor Lopes, Carlos Nascimento e Bruno Silva reuniram-se pela primeira vez enquanto trio com o nome de Olive Troops SOS. Explorando as potencialidades da eletrónica numa vertente improvisada, a música deste trio conjuga influências tão diversas como o dub, o *krautrock* ambiental ou alguma música de dança britânica mais cerebral do início dos anos 90. Recorrendo a um diálogo aberto entre sintetizadores, gravações de campo e percussão, os três músicos embrenham-se em longas peças que progredem em direção a uma dimensão volátil.
olivetroopsos.bandcamp.com

Sex 20 abril, 21h30
Pequeno Auditório
**Duração aproximada: 1h45
com intervalo**

João Alegria Pécurto
Guitarras: João Alegria Pécurto

Tal como a sua música, João Alegria Pécurto tem vindo a revelar-se com extrema parci-



mónia e sem quaisquer pressas. Com olho na descoberta, Pécuro desenvolve na guitarra acústica peças de uma beleza transparente, de rendilhados ternos e hipnóticos que se vão sobrepondo em sucessivas camadas. Suspendem-se no tempo, como se convidassem à reflexão sem nos atirar quaisquer conjeturas à cabeça. Gravado em casa com aquela calma que só o lar pode proporcionar *Um lugar de silêncio, para que tudo cante na tua ausência* foi o disco que abriu o caminho para o músico, numa altura em que se esperam novos registos para breve, de um nome ainda por descobrir convenientemente. joaoalegriapecurto.bandcamp.com

Norberto Lobo/ Carlos Bica
Guitarra acústica: Norberto Lobo · Contrabaixo: Carlos Bica

Encontro tão improvável quanto grandioso de dois músicos com *background* distinto, mas igualmente respeitável. Norberto Lobo é, sem sombra para qualquer dúvida, um dos músicos mais essenciais em tempos mais ou menos recentes da música feita em Portugal. Guitarrista extraordinário, que já há muito deixou para trás quaisquer coordenadas externas (que tanto passa-

vam pelo legado de John Fahey como pelo fantasma de Carlos Paredes) para chegar a uma linguagem única. Carlos Bica é um daqueles *jazzmen* notáveis que, apesar de ver o seu trabalho reconhecido lá fora, mantém sempre elos de ligação com a música portuguesa – traçando, nesse ponto simbólico, um paralelismo com Norberto Lobo. Prodígio de técnica e sensibilidade sem paralelo no domínio do contrabaixo, Bica é dono de um currículo magnânimo que nunca se sustém nos seus próprios méritos, deixando espaço aberto para uma reinvenção contínua. Ninguém



© FredNs

© Raul Cruz

pode prever aquilo que se pode passar quando figuras como estas dialogam entre si, mas será com certeza um daqueles acontecimentos a deixar marcas profundas em todos os que estiverem presentes.

www.myspace.com/norbertolobo
www.carlosbica.com

Sáb 21 abril, 22h
Trem Azul Jazz Store
Duração aproximada: 1h45 com intervalo

Cangarra
Guitarra elétrica: Cláudio Fernandes · Bateria: Ricardo Martins
Formado por dois dos músicos mais inescapáveis das perife-

© Vera Marmelo



rias que interessam, Cangarra alicerça-se de modo titânico na guitarra incandescente de Cláudio Fernandes (também Manuel Gião, ex-Debut!) e na bateria convulsa de Ricardo Martins (Lobster, R-, e um sem número de projetos). Já com três registos autoeditados de forma gratuita, a música dos Cangarra evoca uma coda infinita, em que o limite do solo de guitarra é projetado para uma dimensão psicadélica que se vai enredando continuamente na ferocidade do mais hiperativo baterista do país. Bruta mas de desenho meticuloso, a música dos Cangarra arrepiam caminho para fora de categorizações tépidas com uma segurança e urgência como há muito não víamos. cangarra.tumblr.com

Canhão/ Sousa/ Nogueira/ Ferrandini
Guitarra elétrica: Guilherme Canhão · Saxofone barítono e tenor: Pedro Sousa · Baixo elétrico: Rui Nogueira · Bateria: Gabriel Ferrandini

Uma estreia absolutamente imperdível, que põe em confronto benigno 2/3 dos Sunflare com o duo de Pedro Sousa e Gabriel Ferrandini. Tendo em conta aquilo que se conhece dos músicos, será seguro prever um concerto

incendiário, explosão eminente nos limites do rock psicadélico mais libertário e do *free jazz* possesso. Entidade grandiosa, onde a bateria de recursos infinitos de Ferrandini e o sopro viral de Sousa encontram as cascatas de *riffs* e solos das cordas de Guilherme Canhão (guitarra elétrica) e Rui Nogueira (baixo) para um acontecimento que ameaça estilizar todas e quaisquer conceções estanques acerca da música enquanto meio para a transcendência. Os elementos estão todos lá.

www.myspace.com/sunflarefuzz
www.myspace.com/alfredocarajillo
www.myspace.com/gferrandini

© Vera Marmelo



Bobby Brown & Quincy (DJ Set)

Pseudónimo de dois nomes bem conhecidos nos meandros da música feita por estes lados. Sérgio Hydalgo é, desde há alguns anos, o programador da galeria ZDB e um dos mais ativos agentes do país, para o qual só temos palavras de agradecimento. Filipe Felizardo é um dos mais prolíferos guitarristas da atualidade, seja

a solo, seja em projetos como ACRE, Häsqvarna ou Bandeira Branca. Quem costuma ficar pela zona do bar da ZDB poderá ter uma ideia daquilo que se vai passar, mas a única certeza é de que será um DJ Set a albergar mundos de música boa.

www.zedosbois.org/category/musica
www.myspace.com/conjecturesandrefutations



Atividades paralelas

Ter 17 de abril
Trem Azul Jazz Store

Lançamento do livro *Bestiário Ilustríssimo* de Rui Eduardo Paes, 21h30
Bestiário Ilustríssimo é uma nova coletânea de textos sobre música de Rui Eduardo Paes. O livro será lançado na coleção THISCOvery CCChannel, projeto das associações Chili Com Carne e Thisco.

Intervenções faladas
Rui Neves (programador dos festivais Jazz em agosto e Jazz im Goethe Garten)
António Branco (crítico de música)

Intervenção musical
Com base no texto “Paganini e a Melancolia”, incluído em *Bestiário Ilustríssimo*

Maria Radich (voz, movimento); **João Camões** (viola); **Carlos Santos** (eletrónica)

Exposição
Reproduções em serigrafia das ilustrações de **Joana Pires** incluídas no livro *Bestiário Ilustríssimo*.

rep.no.sapo.pt
www.chilicomcarne.com

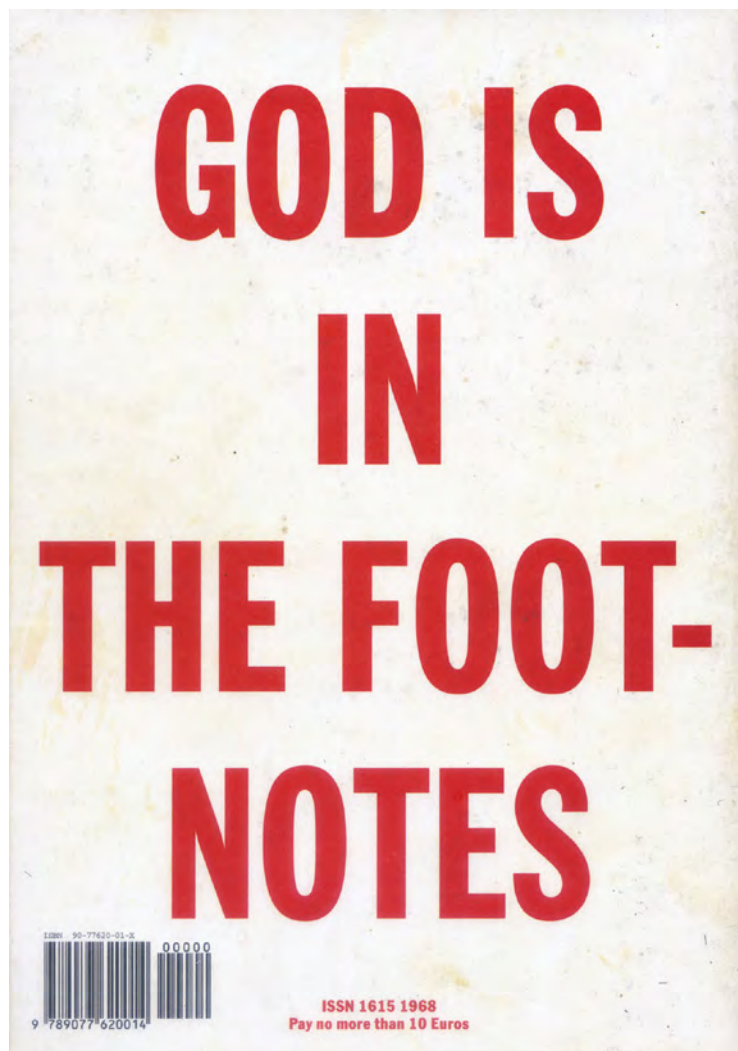
De 17 a 21 de abril
Trem Azul Jazz Store

Exposição
editora Dromos Records
Nascida em 2009 e com sede em Lisboa, a Dromos tem vindo a construir, sem pressas, um catálogo de respeito que, partindo das premissas mais queridas da edição em CD-R as tem dotado de um criterioso trabalho gráfico que torna cada uma das suas edições num objeto fascinante. Promovendo, dessa forma, a comunhão entre a música e as artes plásticas – com os préstimos de artistas plásticas como Martha Colburn ou Natalie Westbrook – a Dromos editou já trabalhos de nomes como Tetuzi Akiyama, Thollem McDonas, Wasteland Jazz Unit ou Olaf Rupp, numa demanda louvável que urge seguir com atenção. dromosrecords.com

O festival decorre entre os dias 17 e 21 de abril.

Ciclo de Conferências

Mário Moura



Contracapa da *Dot Dot Dot* nº 7

SÁB 21 DE ABRIL

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita
 Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Dot Dot Dot, Dexter Sinister

Em 2003, a revista *Dot Dot Dot* publicou um curto ensaio da autoria de Mark Owen e David Reinfurt, com o título “Group Theory – A Short Course in Relational Aesthetics”. Ilustrado por retratos coletivos de alguns dos *ateliers* de *design*, arte e arquitetura mais marcantes do século XX, propunha-se descobrir nestas fotografias, nas suas poses evidentemente encenadas perante a câmara, indícios de diferentes filosofias criativas, estruturas empresariais ou hierarquias laborais.

Pelo modo minucioso como se fundamentavam os argumentos, como se referenciava a bibliografia, este ensaio poderia passar por uma comunicação académica, não fosse o primeiro dos retratos de grupo apresentados o de uma firma de *design* não identificada posando à volta de uma mesa de reuniões. Mas a simples presença daquela imagem discreta, que não chega sequer a ser mencionada no ensaio, vem abalar a sua gravidade académica, fazendo-o oscilar de modo indeciso entre a ciência e a fraude, a seriedade e humor.

Nesta conferência procurar-se-ão objetos que demonstram como uma ilustração, uma imagem, a disposição de uma página ou a encadernação de um livro podem, por si sós, lançar a dúvida sobre os argumentos mais sólidos, as hierarquias mais estáveis e as ciências mais exatas. Falar-se-á, por exemplo, de um estudo vitoriano sobre legibilidade tipográfica que pode ou não ser uma complicada sátira, da sua improvável ligação a um guia de conversação para viajantes produzido por métodos pouco ortodoxos, ou dos livros do excêntrico tipógrafo amador Paulo de Cantos.

Esta é a última de uma série de seis conferências de Mário Moura, que teve início em outubro do ano passado. A ideia de partida para cada uma destas conferências foi escolher um objeto, um livro, que permitisse, por sua vez, apontar para outros objetos, outros livros, mas também para exposições, filosofias, políticas, etc.

Mário Moura é crítico de *design* e professor nas Faculdades de Belas-Artes das Universidades do Porto e de Lisboa.

This will be the last of a series of six monthly lectures (held in Portuguese) by Mário Moura. In each of these lectures, the starting point is the choice of an object, a book, which in turn can direct attention towards other objects, other books, but also towards exhibitions, philosophies, politics, etc.

Mário Moura is a design critic and teacher at the Fine Arts Faculties of Porto and Lisbon Universities.

IndieLisboa'12

Festival Internacional de Cinema Independente



DE QUI 26 DE ABRIL
A DOM 6 DE MAIO

10h30 - 23h45
M16 (exceto IndieJúnior)

Bilheteira Central Culturgest
De 12 a 25 de abril das 14h às 20h. De 26 de abril a 6 de maio das 10h até ao início da última sessão.

Preços dos bilhetes
Sessões regulares: 4€
Caderneta de 10 bilhetes voucher: 30€ (disponível até 25 de abril) · Caderneta de 20 bilhetes voucher: 55€ (disponível até 25 de abril)

Descontos
Menores de 12 anos,
maiores de 65 anos: 3,5€
Bilhete 'Família' - válido para 4 pessoas nas sessões IndieJúnior Famílias: 13,6€

Programação disponível online a partir de 2 de abril em www.indielisboa.com

Organização Zero em Comportamento

De 26 de abril a 6 de maio, o IndieLisboa volta a trazer a Portugal o melhor e mais recente cinema de todo o mundo. Curtas e longas-metragens de ficção, documentário e animação vão poder ser vistas na Culturgest, que volta a ser este ano coprodutora do festival, assim como no Cinema São Jorge e no Cinema Londres.

Serão 11 dias repletos com mais de 200 filmes (na sua esmagadora maioria inéditos em Portugal) distribuídos pelas nove secções que compõem o festival deste ano: Competição Internacional, Competição Nacional, Observatório, Cinema Emergente, Director's Cut, IndieMusic, Pulsar do Mundo, IndieJúnior e Sessões Especiais. A estas juntam-se diversas atividades paralelas abertas à curiosidade de todos os públicos (debates, conferências, *ateliers* e *masterclasses*) com a participação de profissionais de cinema nacionais e estrangeiros.

Nesta sua nona edição, o IndieLisboa quer continuar a cumprir a sua primeira vocação: ser um lugar de entusiasmas descobertas dos filmes (sem fronteiras de género, duração ou formato) que fazem a atualidade do melhor cinema nacional e internacional.

A programação do festival é permanentemente atualizada em www.indielisboa.com.

From April 26th to May 6th, IndieLisboa will once again be showing some of the world's best and most recent cinema. Short and feature films, documentaries and animation films will be screened at Culturgest, Cinema São Jorge and Cinema Londres.

More than 200 films will be screened in 11 days (most of them being premiered in Portugal), accompanied by special sessions and parallel activities (debates, lectures, workshops and master classes) with the participation of foreign and national filmmakers. The festival programme is permanently updated at www.indielisboa.com.

Organização



Parceiros institucionais



Parceria estratégica

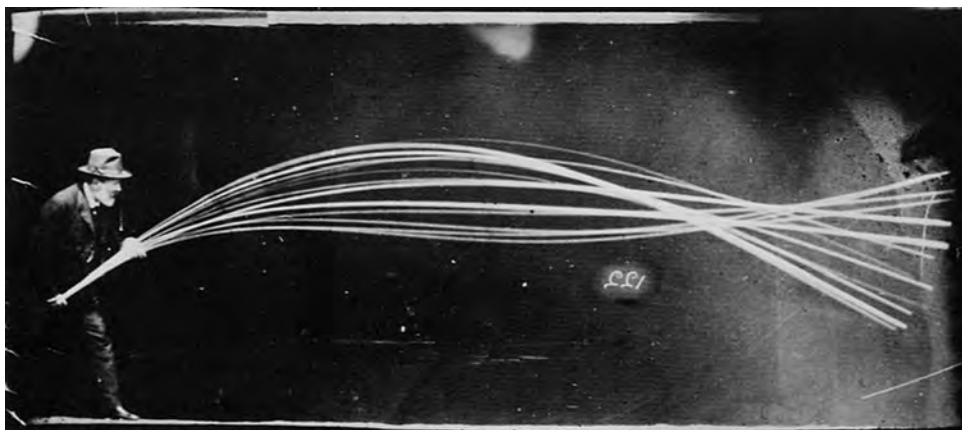


Coprodução



Os sons que estão a mudar a imagem do mundo

Música, cinema e novos *media*



Vibrations d'une tige élastique de bois, Étienne-Jules Marey (1894)

QUA 9, SEG 14, SEX 18
DE MAIO

Pequeno Auditório e Sala 2
18h30 · Entrada gratuita

Levantamento de senha
de acesso 30 minutos antes
de cada sessão, no limite dos
lugares disponíveis. Máximo
por pessoa: 2 senhas.

Qua 9 · Pequeno Auditório

Mark Slobin (Wesleyan
University), *The Three
Architectures of Film Music*

Seg 14 · Pequeno Auditório

Anahid Kassabian (University
of Liverpool), *The changing
nature of audio-visual
relationships and the joys of
editing*

Sex 18 · Sala 2

Mesa redonda moderada
por Manuel Deniz Silva
(FCSH-UNL): *Novas práticas
da música e do som no cinema*,
com a participação de João
Mário Grilo, João Botelho
e Joaquim Pinto

Organização Manuel Deniz Silva e Pedro Rodrigues,
Projeto *À escuta das imagens em movimento: novas metodologias
interdisciplinares para o estudo do som e da música no cinema
e nos media em Portugal*, INET-MD, FCSH-UNL,
www.kinetophone.org **Apoios** Culturgest, FCT

O que se está a passar de novo nos sons e nas imagens do mundo? Qual o papel do cinema e dos novos *media* nessas mudanças? Que importância estão a ter essas transformações nos nossos sentidos? Este ciclo de conferências pretende abrir caminhos para a compreensão das mudanças a que temos assistido neste início do século XXI, e que passam por uma nova relação com a música, os sons e as imagens em movimento. Os meios audiovisuais, incluindo o cinema e as suas bandas sonoras, levantam hoje problemas novos em tempos de veloz globalização. Saberemos ouvir as “bandas sonoras” das culturas subalternas ou marginais? E como pensar os novos ambientes sonoros e modos de vida que uma produção acelerada de novos dispositivos interativos e virtuais está a criar?

Mark Slobin, editor do livro *Global Soundtracks*, propõe-nos que ultrapassemos fronteiras culturais para escutar os sons e os filmes que fabricam uma outra imagem do mundo, emergente, mas para muitos desconhecida. Anahid Kassabian, investigadora em música e novas tecnologias, colocará em questão os novos meios de ouvir e ver que não só estão a mudar o mundo, como a nossa perceção dele.

O ciclo inclui ainda uma mesa redonda sobre música, som e cinema, com a participação dos cineastas João Botelho, João Mário Grilo (também professor de estudos de cinema) e Joaquim Pinto, especialista em captação, montagem e mistura de som.

Mark Slobin é *Professor of Music* da Wesleyan University (EUA). Ex-presidente da Sociedade de Etnomusicologia, é autor ou editor de vários livros sobre o Afeganistão e a Ásia Central, a música judaica do leste europeu, na Europa e nos EUA, a teoria da etnomusicologia e a música de cinema.

Anahid Kassabian, investigadora em música, cinema e novos *media*, é professora na University of Liverpool e autora de *Hearing Film* (2001). É cofundadora da revista *Music, Sound and the Moving Image*.

What innovations are taking place in the world's sounds and images? What role is played by film and the new media? Mark Slobin suggests crossing cultural borders to listen to sounds and films that create another image of the world. Anahid Kassabian questions the new ways of seeing and listening that are changing our perception of the world. This lecture cycle ends with a round table on music, sound and cinema, with João Botelho, João Mário Grilo and Joaquim Pinto.

Kinetophone



FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

FCSH
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa

Alterações climáticas: a crise que não sabemos pensar

por Viriato Soromenho-Marques



QUI 10, QUI 17, QUI 24,
QUA 30 DE MAIO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha
de acesso 30 minutos antes
de cada sessão, no limite dos
lugares disponíveis. Máximo
por pessoa: 2 senhas.

Qui 10 de maio
A construção científica
das alterações climáticas

Qui 17 de maio
As alterações climáticas
como problema político

Qui 24 de maio
Alterações climáticas, ética
e condição humana

Qua 30 de maio
As alterações climáticas
e o enigma do nosso futuro
comum

As alterações climáticas surgiram no grande espaço público há apenas algumas escassas décadas, e de forma irregular e descontínua, não escapando à estrutura cíclica da atenção conferida aos grandes tópicos da crise global do ambiente, de que podem ser consideradas o expoente mais elevado.

Sendo um tema que ganhou a sua existência no interior das ciências da natureza, as alterações climáticas estão longe de ser um mero tema académico. As ameaças que as alterações climáticas acarretam para o futuro da existência de uma civilização humana, complexa e pujante, neste planeta são de tal modo graves que será absolutamente adequado considerar que elas se tornaram numa preocupação transversal ao espectro dos saberes, entrando também nos canais do imaginário cultural e na iconografia dos medos e pánicos escatológicos das sociedades contemporâneas.

Em cada uma das conferências deste ciclo tentaremos abordar, sem perder de vista a unidade do conjunto, mais desenvolvidamente as quatro facetas que nos parecem mais relevantes em torno dos temas da mudança climática: a sua dimensão científica, génese de consensos, mas também de disputas; a sua projecção política e económica; o seu impacto nas nossas categorias éticas e modos de agir moral; os seus reflexos na porosa meditação de uma finitude histórica, que se alarga do indivíduo singular e frágil ao próprio género humano no seu conjunto.

Viriato Soromenho-Marques é professor catedrático de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Foi Presidente nacional da Quercus ANCN. Exerceu as funções de Vice-Presidente da Rede Europeia de Conselhos do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável. É membro do Conselho Nacional do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Foi coordenador científico do Programa Gulbenkian Ambiente e membro do *High Level on Energy and Climate Change* do Presidente da Comissão Europeia. Autor de mais de três centenas obras (entre as quais vinte livros) sobre temas filosóficos, ambientais e estratégicos. Proferiu e/ou coordenou mais de mil conferências, seminários, e cursos em vinte e três países. www.viriatosoromenho-marques.com

Only for the past few decades has climate change been afforded a somewhat irregular attention. Despite emerging from the natural sciences, it is far from being a merely academic theme, and its threats are so serious that they have now entered the cultural imaginary and the iconography of fears of contemporary societies. This lecture cycle will examine the four most important aspects of climate change: its scientific dimension; its economic and political implications; its ethical impact; and the prospect of historical finiteness.

Aurora

Sara Serpa e Ran Blake



SEX 11 DE MAIO

Grande Auditório
21h30 · Dur. 1h45 com intervalo
18€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Voz Sara Serpa Piano Ran Blake

“Aurora” é um fenómeno ótico natural de luz no céu, causado pela colisão de partículas energéticas do vento solar e átomos de oxigénio das altas camadas atmosféricas.

Numa carreira com mais de cinco décadas, o pianista Ran Blake é responsável por ter criado um nicho único na música improvisada, como artista e pedagogo. Combinando elementos dos grandes compositores da história do jazz, da tradição dos *blues* e do *gospel* e de temas dos clássicos *Film Noir*, Ran Blake, com uma personalidade singular e sonoridade única, ganhou seguidores um pouco por todo o mundo. O seu legado musical inclui mais de 30 discos gravados, dos quais se destacam colaborações com artistas como Jeanne Lee, Anthony Braxton, Jaki Byard, Steve Lacy, Houston Person, Enrico Rava, Clifford Jordan, Ricky Ford, assim como mais de 30 anos de ensino no New England Conservatory de Boston.

A vocalista e compositora Sara Serpa é “a voz mágica” de acordo com o pianista Ran Blake, que tem uma longa experiência a trabalhar com vocalistas. A sua voz sem vibrato e artificios tem sido descrita como “límpida como cristal” e a sua capacidade para cantar melodias vocais complexas, em pé de igualdade com instrumentalistas, destaca-a como uma das cantoras mais criativas dos últimos anos. Elogiada pela *All About Jazz* como “a cantora mais inovadora do momento”, Serpa afirmou-se na cena de Nova Iorque ao participar em projetos de músicos como Greg Osby e Danilo Perez, cimentando a sua carreira com atuações no prestigiado Village Vanguard.

Ran Blake e Sara Serpa conheceram-se em Boston, enquanto Serpa era ainda estudante do New England Conservatory. Um ano após este encontro, gravam o álbum *Camera Obscura* em que reinterpreta *standards* do cancionero americano. *Camera Obscura* foi aclamado pela crítica nacional e internacional, tendo sido votado como melhor disco de jazz de 2010 pelo suplemento cultural “Ipsilon” do jornal *Público*.

Blake e Serpa juntam-se mais uma vez para um concerto único: *Aurora* será gravado ao vivo. A interpretação de canções do passado e do presente, aliada à interação magnetizante característica deste duo, poderá ser de novo testemunhada pelo público lisboeta.

The “Aurora” is a natural optical phenomenon of light in the sky, caused by the collision of energy particles carried by the solar wind and oxygen atoms in the Earth’s upper atmosphere.

Ran Blake is a pianist with a unique personality and sound, who combines elements from jazz, blues, gospel and *Film Noir* themes, while Sara Serpa’s magical and crystal-clear voice allows her to sing complex vocal melodies. The two met in Boston, at the New England Conservatory, and a year later recorded the highly-acclaimed album *Camera Obscura*.

Recuperação e reabilitação de salas de espetáculos



SEGUNDAS-FEIRAS

14, 21, 28 DE MAIO

E 4 DE JUNHO

Sala 2

18h30 · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Ciclo de conferências realizado no âmbito do curso “Salas de espetáculos – aspetos técnicos, cénicos e arquitetónicos”

14 de maio

Projetos de reabilitação e modernização de teatros,
Arq. Gonçalo Louro
e Arq. Francisco Pólvora

21 de maio

Recuperação e restauro de salas de espetáculos,
Arq. Sérgio Borges
e Eng. João Appleton

28 de maio

O papel do Estado na recuperação dos teatros,
Eng. Joaquim Valente
e Dra. Filomena Bandeira

4 de junho

Evolução do lugar cénico,
Arq. Luís Soares Carneiro
e Arq. Paulo Ramos

As salas de espetáculos têm por natureza uma grande importância social e urbana. Os teatros de construção mais antiga, em particular, estão normalmente implantados no centro histórico das cidades e fazem parte da memória coletiva dos seus habitantes. No entanto estas salas mostram-se, com frequência, desadequadas às necessidades cénicas actuais. Para além da modernização do equipamento, pode ser necessária a ampliação das áreas cénicas ou a criação de novos espaços, indo de encontro às necessidades das produções contemporâneas.

A imagem que o público tem de uma sala de espetáculos baseia-se sobretudo nas áreas a que tem acesso, existindo um grande desconhecimento de tudo o que se passa nos bastidores. Um teatro é um todo complexo que não termina na cortina da boca de cena; pelo contrário, começa da cortina para trás. E se a questão estética é importante, não se podem deixar de salvaguardar as questões técnicas e cénicas que tornam os espetáculos possíveis. É necessário adequar os edifícios à legislação atual de segurança, tendo em conta também a acessibilidade e o conforto. São requisitos bastante exigentes que obrigam a intervenções profundas. Depois é necessário recuperar os públicos e restabelecer um relacionamento com a população que se interrompeu durante o período em que a sala esteve fechada em processo de recuperação.

Neste ciclo de conferências dedicadas à recuperação e reabilitação de salas de espetáculos pretende fazer-se uma abordagem a esta problemática, através de diferentes pontos de vista. A primeira conferência será dedicada às questões arquitetónicas e funcionais, a segunda aos aspectos construtivos e de restauro, a terceira ao papel da IGAC e da extinta DGEMN (actual IHRU) e a última ao enquadramento histórico do lugar cénico.

Theatres and concert halls are of great social and urban importance and have for centuries been an integrant part of the collective memory of the communities' history and architecture. The older, historic, venues, however, are often structurally and technically inadequate to meet the requirements of contemporary production. The best idea the public is able to make of the theatre is often incomplete and distorted as it is solely based in the Front of House and does not take into consideration the artistic, structural, technical and even legal complexities surrounding any given event.

In this cycle of conferences it is our aim to approach the restoration and rehabilitation of theatres and concert halls from different viewpoints. The first conference will be focused on architectural and working issues, the second will address the matter of restoration, the third will question the role of IGAC and the last conference will be dedicated to the theatre within an historic framework.



N'est pas

de Pedro Tudela

Ciclo Vinte e sete sentidos · Organização: Granular



QUI 17 DE MAIO

Sala 2

18h30 · Duração aprox. 30 min
3,5€ (preço único)

M12

Sobre o ciclo

“Vinte e sete sentidos”

O século XX começou com o visionarismo de um punhado de artistas que ambicionava ter uma intervenção sinestésica, envolvendo os olhos, os ouvidos, o olfato, o paladar, o tato. No seu poema *An Anna Blume*, Kurt Schwitters referiu-se mesmo em 1919 aos «vinte e sete sentidos da sensorialidade». Finalmente derrubadas as fronteiras entre as artes, neste início do século XXI vai-se pretendendo lidar com a totalidade da percepção humana. A série “Vinte e Sete Sentidos” apresenta alguns dos caminhos que estão a ser percorridos rumo a esse velho ideal...

A GRANULAR é uma estrutura financiada pela Direção Geral das Artes/Presidência do Conselho de Ministros – Secretaria de Estado da Cultura

www.granular.pt



Oito ninhos de madeira sonorizados, quatro CDs áudio, microfone e laptop Pedro Tudela

N'est pas foi um trabalho especificamente pensado e construído para ser montado num sótão. Sem intervir na estrutura do espaço, o trabalho foi montado de modo a que, não só assimilasse a área ocupada, mas que acolhesse também as memórias do prévio conhecimento do lugar. Os ninhos de madeira replicavam, não só o material dominante e nativo daquele espaço, mas também o âmago naturalmente presente que era a casa. Dos altifalantes, assumidos como meio de sonorização dos ninhos, era emitido de modo distribuído o som previamente captado em locais diversos, de ações com e sobre a substância, madeira com diferentes escalas e feitios. Na instalação o papel do som cifrava-se na transformação e aproximação do espaço e da matéria.

Poder-se-á dizer que *N'est pas*, através do aproveitamento sonoro, alterava o espaço sem que visualmente isso acontecesse.

Quando da instalação, já tinha planeado fazer uma *performance* que, de algum modo, lhe desse continuidade e o completasse, trazendo para o espaço de apresentação as questões ligadas ao processo de transformação da matéria envolvida. O *leitmotiv* é a incógnita relacionada com a memória, a afinidade e o enquadramento dos dados contidos, enaltecendo a relação do interior com o exterior. A matéria manipulada e a distribuição no espaço instruindo uma outra impressão de lugar. Pedro Tudela · www.pedrotudela.org e www.at-c.org

Pedro Tudela concluiu o Curso de Pintura da Escola Superior de Belas-Artes do Porto em 1987. Participa em inúmeras exposições coletivas em Portugal e no estrangeiro e encontra-se representado em museus, coleções públicas e particulares. É professor Auxiliar da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto.

Enveredou pela produção sonora em 1992, participando em concertos, *performances* e edições discográficas, em Portugal e no estrangeiro. Cofundador e um dos elementos do projeto multidisciplinar e de música digital @c e membro fundador da *media label Crónica*.

N'est pas was designed to be installed in an attic, assimilating the occupied area and its memories. Its wooden nests replicated the predominant material, while loudspeakers played pre-recorded sounds of actions being performed with and upon wood, transforming the space and bringing it closer to the substance, without anything happening visually. The plan was to continue and complete the installation with a performance that asked questions about the transformation of the substance and its distribution in the space. Pedro Tudela (b. Viseu, 1962) has held solo exhibitions regularly since 1981.

PANOS

palcos novos palavras novas



Filhos de Assassinos, Sexta Insônia – Grupo de Expressão Dramática do Agrupamento de Escolas Eng. Nuno Mergulhão (Portimão) · Panos 2011

SEX 18, SÁB 19, DOM 20
DE MAIO

Pequeno Auditório
e Palco do Grande Auditório
2,5€ (preço único)

M12

Os Avôs

de Rory Mullarkey

Liceu Hölderlin

de Pedro Mexia

Septeto Fatal

de Alex Cassal

Com os PANOS, a Culturgest junta a nova dramaturgia ao teatro escolar/juvenil. Esta é a sétima edição, e mais de trinta grupos de todo o país encenam uma das três peças oferecidas (escritas de propósito para serem representadas por adolescentes): dois originais em português e um texto traduzido do Connections 2012, programa do National Theatre de Londres em que os PANOS se inspiram.

Tanto em Portugal (recentemente) como no Reino Unido (há 50 anos) acabou o serviço militar obrigatório, mas continua a haver adolescentes por todo o mundo a serem mobilizados para as forças armadas. *Os Avôs* de Rory Mullarkey (com tradução de Ana Mendes) acompanha oito jovens recrutados no treino que os transforma em máquinas de guerra: os

momentos em que tiveram de ser capazes de apunhalar um saco de areia, em que tiveram de reagir à incursão de um pássaro ferido no seu território e em que aprenderam a ignorar o escuro.

Em *Liceu Hölderlin* de Pedro Mexia, olha-se para o Romantismo enquanto juventude literária e para a juventude enquanto Romantismo etário. Fred está apaixonado por Sofia, que tem um namorado. Fred está desesperado e confiante, e aperfeiçoa um entendimento do mundo à sua circunstância. Num enredo liceal normal, com tédio, conquistas, perguntas e amores não correspondidos, as personagens têm os nomes próprios dos escritores românticos alemães, e os textos destes insinuam-se por vezes nas falas dos adolescentes.

Velocistas, telepatas, alienígenas, viajantes do tempo, camaleões-humanos, miúdos longevos. Os seus corpos transformam-se da noite para o dia. Falam uma língua incompreensível. Parecem ter vindo de outro planeta. São mais fortes, inteligentes, hábeis, intrépidos. Têm apetites vorazes. Mal controlam as suas capacidades. São adolescentes com superpoderes: formam o *Septeto Fatal*, peça do autor brasileiro Alex Cassal. Um grupo de heróis relutantes, divididos entre ameaças apocalípticas e os exames de fim de ano.

Em novembro passado realizou-se um *workshop* onde os encenadores dos grupos, os autores e um encenador convidado por cada texto discutiram as três peças. Este ano

os encenadores-orientadores foram Anthony Banks (para *Os Avôs*), Diogo Dória (para *Liceu Hölderlin*) e Tiago Rodrigues (para *Septeto Fatal*). As estreias decorreram até ao fim de abril. Agora, neste festival anual, mostramos dois espetáculos de cada peça e publicamos um livro com os textos. Em breve abrem as inscrições para a oitava edição...

PANOS commissions and translates new plays for young people, inspired by the National Theatre of London's Connections project. Now in its seventh year, a selection from over 30 shows produced all across the country by school and youth theatre groups will be presented in a festival at Culturgest.

Rory Mullarkey's play follows eight young recruits in the course of the training that transforms them into war machines; at the high school described by Pedro Mexia, Romanticism is regarded as literary youthfulness while youth is regarded as the age of Romanticism; and Alex Cassal presents us with a group of adolescents with superpowers, reluctant heroes caught between apocalyptic threats and their end-of-year exams.

Trespass Trio + Joe McPhee

Ciclo “Isto é Jazz?” · Comissário: Pedro Costa



QUA 23 DE MAIO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h10
5€ (preço único)

M12

Saxofones alto e barítono Martin Küchen **Contrabaixo** Per Zanussi
Bateria Raymond Strid **Saxofone tenor e trompete** Joe McPhee

O formato “sax trio” (saxofone + contrabaixo + bateria) é uma invenção do *hard bop* largamente adotada pelo *free jazz*, sendo precisamente na interseção desses dois subgêneros do jazz que se move o Trespass Trio. Originário da Suécia e da Noruega, este projeto de Martin Kuchen (saxofones alto e barítono), Per Zanussi (contrabaixo) e Raymond Strid (bateria) não se fica pela sua matriz estilística: nele reconhecemos ainda o tipo de energia identificatório do rock, como também a rítmica e até o entendimento da melodia próprios da África ancestral, objeto de estudo do líder do grupo, Kuchen.

Mas não só: se muito raramente o jazz vigoroso do Trespass Trio recorre a técnicas instrumentais extensivas ou leva a improvisação para territórios mais abstratos, depressa se torna claro que os seus membros têm atividade paralela no chamado “não-idiomatismo”. Martin Kuchen tem-se destacado entre os saxofonistas inovadores da escola reducionista e Raymond Strid é um dos mais curiosos criadores de texturas percussivas nos domínios da música improvisada europeia. O que tocam revela desde logo um espectro largo de possibilidades.

Ouvi-los tanto apela ao corpo, provocando o bater de pés e o abanar de cabeça do jazz mais *groovy* da atualidade, como nos convoca o exercício ativo da mente, numa decifração das estruturas e dos fluxos sonoros que nos envolve, enquanto ouvintes, na criação musical. Esse apelo à percepção e à consciência é reforçado pela mensagem intervencionista e de protesto transmitida pela música: Kuchen é um conhecido militante da causa palestina e um crítico acérrimo do sionismo e da política externa dos Estados Unidos.

Não surpreende, pois, que nesta vinda a Portugal o trio se transforme num quarteto com a participação de um convidado muito especial, o americano Joe McPhee. Figura pioneira do *free jazz* de cunho político, aquele que se identificou com o *Black Power* e com as lutas emancipatórias de Martin Luther King e Malcolm X, trata-se de um dos mais fascinantes músicos dos últimos 40 anos, merecedor de um lugar na história do jazz livre, ao lado de John Coltrane, Ornette Coleman e Albert Ayler.

Situated somewhere between hard bop and free jazz, the music of the Scandinavian Trespass Trio reveals elements drawn from rock and ancestral African music, ranging from extensive instrumental techniques to more abstract forms of improvisation. Martin Kuchen, the trio’s leader, is among the most innovative saxophonists of the reductionist school, while also being a militant supporter of the Palestinian cause. In Portugal, the trio will be joined by a very special guest musician, Joe McPhee, a pioneer of free jazz with a political bent, played in support of the “Black Power” movement.

The Quiet Volume

O Volume Sossegado

de Ant Hampton e Tim Etchells

Espectáculo integrado no alkantara festival



© Lorena Fernandez

DE QUI 24 DE MAIO
A SÁB 9 DE JUNHO

Biblioteca Nacional
Sessões de 20 em 20 minutos
Duração: 50 min.
Seg a Sex: entre as 14h e as 19h
Sáb: entre as 14h e as 17h

Preço único: 5€
Bilhetes à venda na Culturgest
e no alkantara festival; durante
o horário das sessões também
na Biblioteca Nacional.

M12

Espectáculo em português
(versão inglesa disponível
mediante inscrição)

*(...) a sensação de consciência
aumentada na qual cada som
é amplificado, cada movimento
tem um significado acrescido
e todas as palavras dançam de
possibilidade. (...) há a noção
de que individualmente todos
corremos desenfreados nas
bibliotecas das nossas mentes.*

Lyn Gardner, *The Guardian*

*The Quiet Volume parece-me
ser tanto um tesouro como uma
ferramenta. Vai deixar-vos
desesperados por mergulhar
num bom livro.*

Matt Trueman, *Culture Wars*

www.anthampton.com
www.timetchells.com
www.ciudadesparalelas.com

Produção artística Katja Timmerberg
Encomenda e produção Ciudades Paralelas (coprodução HAU
e Schauspielhaus Zürich em colaboração com Goethe-Institut
Warschau, Teatr Nowy e fundação Teatr Nowy; financiamento
de Kulturstiftung des Bundes, Pro Helvetia e Goethe Institut
de Buenos Aires) **Coprodução** Kunstencentrum Vooruit
Coprodução da versão portuguesa Culturgest
Estreia Ciudades Paralelas, outubro de 2010, Berlim

The Quiet Volume é um espetáculo sussurrado, autogerado
e “automático” (Autoteatro) para duas pessoas de cada vez,
explorando a tensão particular que se encontra em qualquer
biblioteca; uma combinação de silêncio e concentração dentro
da qual se desenrolam experiências de leitura diferentes para
cada um.

Dois espectadores / participantes sentam-se lado a lado.
Recebendo deixas de palavras escritas ou sussurradas, dão
por si a abrir um caminho improvável por entre uma pilha
de livros. A peça expõe a magia estranha que está no centro
da experiência de leitura, deixando que os mecanismos que
julgamos internos se debruem sobre o espaço envolvente,
abrindo porosidades entre a esfera de um e outro leitor.

O espetáculo estreou no festival Ciudades Paralelas
(comissariado por Stefan Kaegi e Lola Arias) e tem passado por
cidades como Berlim, Buenos Aires, Varsóvia, Zurique e Londres.

Inicialmente com a companhia Rotozaza (que já passou pelo
festival Escrita na Paisagem e pelo festival X), Ant Hampton
tem-se especializado em propostas de Autoteatro. Tim Etchells,
cujo trabalho tem sido presença regular em Lisboa, é o diretor
artístico dos Forced Entertainment.

*Este agora da página é o que me prende – o momento presente,
este, aqui convocado com este arranjo de marcas / código,
tinta / pixéis, letras e palavras.* Tim Etchells

The Quiet Volume is a whispered, self-generated and ‘automatic’
performance (Autoteatro) for two at a time, exploiting the
particular tension common to any library; a combination of
silence and concentration within which different peoples’
experiences of reading unfold.

Two audience members / participants sit side-by-side.
Taking cues from words both written and whispered they find
themselves burrowing an unlikely path through a pile of books.
The piece exposes the strange magic at the heart of the reading
experience, allowing aspects of it we think of as deeply internal
to lean out into the surrounding space, and to leak from one
reader’s sphere into another’s.

Big Bang

de Philippe Quesne / Vivarium Studio

Espectáculo integrado no alkantara festival



© Martin Argyroglo Callias Bey

SEX 25, SÁB 26 MAIO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h15
15€ · Até aos 30 anos: 5€

Bilhetes à venda na Culturgest
e no alkantara festival

M12

Náufragos planetários em repérage (música de fundo do espetáculo a fricção do lápis no caderno de esquisos), flutuam no espaço sideral, entre o infinitamente grande (a sobrevivência do planeta) e o irrisório.
René Solis, *Libération*

Há qualquer coisa que se constrói sob o olhar do espectador, paisagens imaginárias cheias de reminiscências – filmes de série B, banda desenhada, exótica datada dos anos 50, easy listening... É um mundo em perpétua transformação, como uma série de instalações que se fazem e desfazem impercetivelmente, ao sabor de uma doce ironia (...).
Hugues Le Tanneur, *Inrockuptibles*

A companhia Vivarium Studio é subvencionada pela DRAC Île-de-France (Ministério da Cultura) e tem o apoio do Institut Français para as suas digressões.

www.vivariumstudio.net

INSTITUT FRANÇAIS

NXTSTP

Conceção, encenação e cenografia Philippe Quesne
Com Isabelle Angotti, Rodolphe Auté, Yvan Clédât, Jung-Ae Kim, Sylvain Rausa, Émilien Tessier, César Vayssié, Gaëtan Vourc'h
Colaborações artísticas e técnicas Yvan Clédât, Cyril Gomez-Mathieu
Produção Vivarium Studio
Coprodução La Ménagerie de Verre, Hebbel am Ufer, Festival d'Avignon, Kunstencentrum Vooruit, Internationales Sommerfestival Hamburg, Les Spectacles vivants - Centre Pompidou, Théâtre de l'Agora Scène nationale d'Evry et de l'Essonne, NXTSTP (com o apoio do Programa Cultura da União Europeia), Festival Baltoscandal, Rotterdamse Schouwburg
Apoio Região Île-de-France e CENTQUATRE
Estreia HAU, julho de 2010, Berlim

Big Bang é a criação de Philippe Quesne / Vivarium Studio que se seguiu a *L'Effet de Serge* e *La Mélancolie des Dragons*, vistos na Culturgest em 2009. Reencontramos o seu teatro laboratorial que se empenha em modificar as convenções do género e cria um universo de contornos incertos, oscilando entre real e artificial, sonho e matéria. *Big Bang* toma a forma de uma sucessão de quadros, nos quais um pequeno grupo de indivíduos desenvolve a sua teoria da evolução, marcando as ruturas, as invenções, as extinções, assim como as mais estranhas mutações. *Big Bang* oferece a experiência da realização cénica a fazer-se, montando e desmontando as engrenagens da ilusão nascida da imagem teatral bonitinha.

Uma epopeia plástica, poética e fantasista, do plâncton ao pós-moderno.

Big Bang is one of Philippe Quesne / Vivarium Studio's latest productions, modifying the conventions of the theatrical genre to create a world with blurred outlines that swings between real and artificial, dream and matter. A small group of human beings unfolds its own theory of evolution, marking the ruptures, inventions and extinctions, as well as the strangest mutations. *Big Bang* offers the experience of a stage production as it is being made, putting up and dismantling the wheels of illusion born of the pretty theatrical image.

A plastic, poetic and odd epic, from plankton to post-modernism.

Secalharidade

Uma conferência-*performance*
de João Fiadeiro e Fernanda Eugénio

Espetáculo integrado no alkantara festival



© Patrícia Almeida

SEX 1, SÁB 2, DOM 3
DE JUNHO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração aprox. 2h
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Produção RE.AL Coprodução Culturgest
Parceria alkantara festival

Estamos aqui para tomar uma posição e para partilhá-la em *com-posição*, em “modo encontro”. É da matéria explicitada e re-situada deste comparecer recíproco que ambicionamos extrair uma via para resistir. Para *re-existir*. Uma via para contornar o estado de refém em que a lógica da representação nos encerra. Uma maneira de *traí-la*, apenas o suficiente para devolver o encontro ao plano do uso. Não para negá-la, nem para afirmá-la – já que as máquinas do Não e do Sim só iriam reforçá-la, mas para fazer *com* ela. Para retroceder ao invés de avançar, estancando a cinética moderna do saber, proliferada e agravada, hoje mais do que nunca, no vício colecionista do “isso é isto” e no *loop* politicamente correto do “isso é isto ou isto, ou ainda isto...” Entretenimento que nos imuniza num desperdício *ad nauseum* de respostas que, entretanto, se esquece de questionar a pergunta.

Condição mínima: não faltar ao acontecimento e, sobretudo, chegar *atempadamente*. Desarmados de respostas prévias, disponíveis para *flagrar* no Óbvio a emergência de uma outra pergunta. Desativar a expectativa e todos os seus duplos – desejos de controlo e manipulação – que, por norma, nos fazem chegar adiantados ao “saber” e atrasados ao “que sabe” o encontro. Ativar, no seu lugar, um estado de *secalharidade*, uma espera distraída de todos os *parti pris*, que se adensa à medida que nos empenhamos numa estimativa recíproca, numa abertura ao “acidente” do Outro. Ativar ainda, uma responsabilidade filigranar, ética do manuseamento atento, em vez da apatia, da não-comparência, de um fugir generalizado, da desistência desiludida.

Estamos aqui, pois, a propor um *entre-tenimento*. Um “ter com”, um sustentar recíproco do não saber. Um “deixar-se estar” o tempo suficiente para que o próprio intervalo se efetue em “e”, em relação, em alteração mútua e em alargamento de mundo. Um *entre-ter* que cresce e se propaga como meio. Não como meio-termo, mas como meio-ambiente.

João Fiadeiro has distanced himself from choreographic creation, working with the Sciences of Complex Systems, Neuroscience and Anthropology to question different ways of “how to live together”. This led him to the anthropologist Fernanda Eugénio, herself drawn to the performing arts by her growing concern about the omnipresence of relativist interpretivism in the Social Sciences. Their encounter is embodied in the AND_Lab project, sharing procedures, operations and ways of problematising, deriving both from art and science, in the tense relationship between politics, ethics and everyday life.

A RE.AL é uma estrutura financiada pela Direção Geral das Artes e tem o apoio da Câmara Municipal de Lisboa e da Fundação Gulbenkian

www.joaofiadeiro.blogspot.com

MALUS

Wooley / Antunes / Corsano

Ciclo “Isto é Jazz?” · Comissário: Pedro Costa



© Bill T Miller

SEG 4 DE JUNHO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h10
5€ (preço único)

M12

Contrabaixo Hugo Antunes Trompete Nate Wooley
Bateria Chris Corsano

Contrabaixista português radicado em Bruxelas, depois de uma passagem por Amesterdão, Hugo Antunes tem vindo a destacar-se na cena europeia do jazz e da música improvisada. Membro de várias formações, entre as quais o Alexandra Samsonova Quartet, o Benny Lackner Trio, o Carlo Magni Trio e os Velkro, tem editado pela Clean Feed o álbum *Roll Call*, à frente de um grupo transnacional de características invulgares com dois saxofones tenor e duas baterias em que funciona, claramente, como o eixo.

É o que também acontece com o seu trio “americano”, formado com o trompetista Nate Wooley e com o baterista Chris Corsano. Contrariamente aos outros projetos em que Hugo Antunes está envolvido, este vota-se inteiramente à composição em tempo real, pelo que «cada concerto é um ato único de expressão artística». Outras vertentes singularizam a banda: sendo de base acústica, não exclui a utilização de dispositivos elétricos e eletrónicos, e aplicando a linguagem convencional do jazz, não desdenha a exploração abstrata de técnicas extensivas nas abordagens instrumentais.

Antunes é dos poucos contrabaixistas que na atualidade recorrem a preparações (colocação de objetos nas cordas para alteração da sonoridade) e conhece-se sobejamente o trabalho de pesquisa desenvolvido pelos seus parceiros. Wooley tem dado um importantíssimo contributo na radical transformação das capacidades do trompete, colocando-o no mesmo patamar em que encontramos Axel Dorner e Peter Evans, e Corsano deve o seu estatuto a um diferente entendimento da bateria numa grande variedade de situações, indo estas desde a livre-improvisação (as parcerias com Paul Flaherty) ao rock alternativo (colaborando com a No Neck Blues Band) e à pop inteligente (a sua integração em grupos da cantora Björk).

Com tais companhias e com propostas musicais tão ambiciosas, bem se pode dizer que Hugo Antunes irá dar muito que falar nos próximos anos...

The Brussels-based Portuguese double bassist Hugo Antunes is a leading figure on the European jazz scene. A member of various bands, he released the album *Roll Call*, heading an unusual group with two tenor saxes and two drummers. He is also the pivotal figure in his “American” trio with trumpeter Nate Wooley and drummer Chris Corsano. Unlike his other projects, this trio is entirely dedicated to real-time composition: acoustic-based, but also using electric and electronic devices, they apply the conventional language of jazz in their abstract exploration of instrumental techniques.

En Atendant

de Anne Teresa De Keersmaeker

Espectáculo integrado no alkantara festival



© Anne Van Aerschot

TER 5, QUA 6 DE JUNHO

Grande Auditório

21h30 · Duração: 1h35

20€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Coreografia Anne Teresa De Keersmaeker **Criado e dançado por** Bostjan Antoncic, Carlos Garbin, Cynthia Loemij, Mark Lorimer, Mikael Marklund, Chrysa Parkinson, Sandy Williams, Sue-Yeon Youn **Música** Ars Subtilior **Músicos** Bart Coen, Birgit Goris, Olalla Alemán, Michael Schmid **Cenografia** Michel François **Figurinos** Anne-Catherine Kunz **Produção** Rosas **Coprodução** Munt/La Monnaie (Bruxelas), Festival Grec (Barcelona), Grand Théâtre de Luxembourg, Théâtre de la Ville (Paris), Festival d'Avignon, Concertgebouw Brugge

En Atendant é uma criação de 2010, estreada no Festival d'Avignon, no Cloître des Célestins.

O ponto de partida de *En Atendant* é a Ars Subtilior, uma forma complexa e altamente refinada de música polifónica do século XIV. A dança controlada e ondulante de *En Atendant* evoca e homenageia de forma muito bela a natureza pura mas estratificada da música e a dissonância e contrastes pouco comuns que a caracterizam. Diferentes constelações de corpos vão-se desenvolvendo no espaço e no tempo. Os bailarinos esperam à volta do palco vazio, andam, dançam para o centro e para fora do centro. As delicadas transformações da música são espelhadas não apenas pela subtileza e precisão da coreografia mas também pelas mudanças que o espaço físico despojado vai sofrendo. A poeira sob os pés dos bailarinos espalha-se gradualmente por todo o palco, cola-se aos corpos dos *performers*, é transportada nas correntes de ar provocadas pelos seus movimentos, pela sua respiração. À medida que a escuridão começa a envolver o palco, os corpos dos bailarinos vão-se tornando meras silhuetas, sombras, anunciando o desaparecimento.

In *En Atendant*, the starting point is Ars Subtilior, a complex and highly refined form of polyphonic music from the 14th century. The subdued, undulating dance in *En Atendant* beautifully evokes and compliments the pure but layered nature of the music and the dissonance and unusual contrasts that characterize it. Different constellations of bodies unfold in time and space. The dancers wait around the edges of the empty stage, walk, dance into and away from the center. The delicate transformations in the music are not only echoed in the subtlety and precision of the choreography but also in the changes undergone by the clean physical space. The dust underneath the dancers feet gradually travels across the entire stage, attaches itself to the performer's bodies, is transported by the currents of air produced by their movements, their breathing. As darkness begins to envelop the stage, the dancer's bodies become mere outlines, shadows, announcing disappearance.



www.artistanacidade.com

Metamorfose

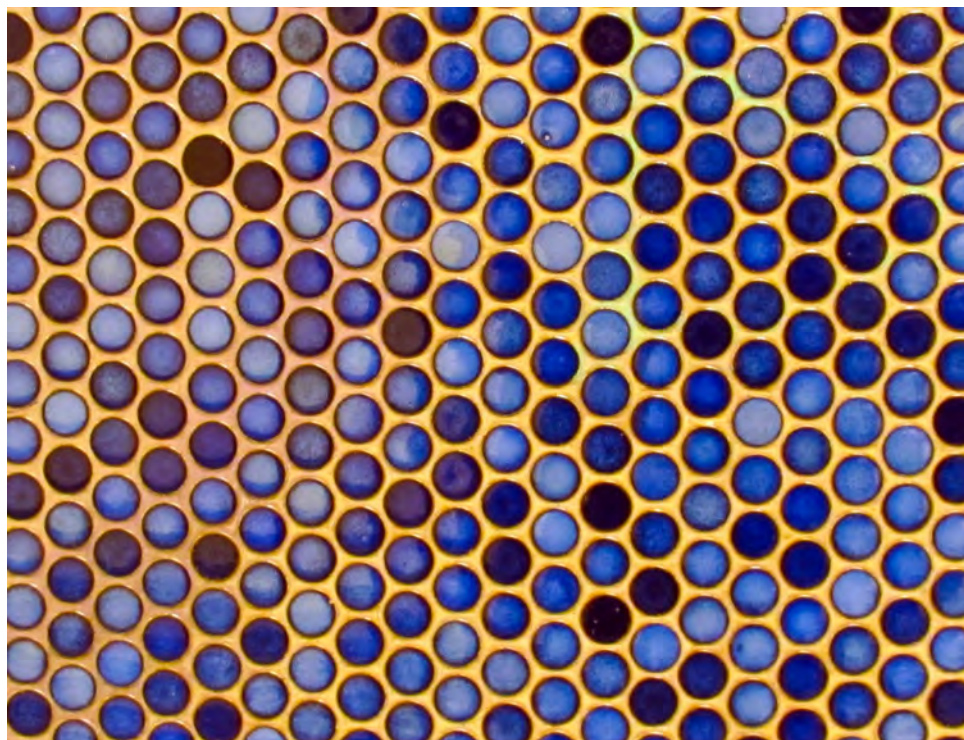
QUI 21, SEX 22, SÁB 23
DE JUNHO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h00
5€ · Até aos 30 anos: 2,5€

M16

Para grupos organizados:
Qui 21 e Sex 22, 14h15 e 15h30,
2,5€ · Lotação: 60 pessoas

Espectáculo realizado no âmbito do curso “Cenografias móveis” a decorrer na Culturgest de abril a junho.



Conceção Paulo Ramos **Criadores / intérpretes** Carla Sabino, Rita Botas, Samara Botelho, André Ruso, Bruno Duarte e Gustavo Gomes **Orientador coreográfico** Francisco Pedro **Cenografia, desenho de luzes, vídeo** criação coletiva dos formandos do curso Cenografias móveis **Orientadores de cenografia, desenho de luzes e vídeo** André Almeida, Guilherme Martins, João Barros, Hernani Saúde, Paulo Ramos **Música original** Gustavo Gomes **Direção de cena** Horácio Fernandes e José Manuel Rodrigues **Montagem e operação de luz** Fernando Ricardo, Nuno Alves e Álvaro Coelho **Montagem e operação de efeitos cénicos** Alcino Ferreira, Artur Brandão e Álvaro Coelho **Efeitos de som e vídeo** Américo Firmino, Tiago Bernardo e Ricardo Guerreiro **Parceria** Escola Superior de Dança

Num processo criativo normal o trabalho coreográfico e de corpo antecede a cenografia, a luz e o vídeo. Os cenários, mesmo tendo mudanças cénicas, são estáticos. Para este projeto quisemos inverter o processo criativo: desenvolver uma cenografia que se movimentava, torce, muda de forma, e convidar um grupo de bailarinos para criarem uma coreografia, dançando com a cenografia. Foi lançado o desafio à Escola Superior de Dança que, de imediato, aceitou a ideia integrando o projeto no seu currículo da Licenciatura em Dança e envolvendo alguns dos seus alunos finalistas como criadores / intérpretes.

A cenografia, o desenho de luz e o vídeo serão o culminar de um processo de criação coletiva dos formandos do *workshop* interdisciplinar “Cenografias móveis” que, ao longo de dois meses, irão trabalhar na Culturgest.

A seguir ao espetáculo o público será convidado a subir ao palco e as diversas mutações de cenário serão repetidas e explicadas, podendo os espectadores interagir com os alunos / intérpretes e manobrar os cenários.

Normally, choreography precedes set design, lighting and video. Sets are static, even with scene changes. In this project, we sought to invert the creative process, inviting dancers to create their own choreography by dancing with the set. The Escola Superior de Dança has responded to this challenge through a process of collective creation that requires its trainee dancers to participate in an interdisciplinary workshop (“Movable Sets”) at Culturgest over a two-month period. After the show, the audience are invited onto the stage and the various scene changes are repeated and explained.

Ciclo Metasonic opensound

QUI 21, SEX 22 DE JUNHO

Sala 2 e Pequeno Auditório

M12

Organização Granular

Com o propósito de incentivar e promover a experimentação nas artes sonoras e audiovisuais em Portugal, a associação Granular vem organizando bianualmente o ciclo Metasonic – em 2012 realiza-se a sua quarta edição, uma vez mais com uma mostra das presentes tendências e práticas nas áreas da eletroacústica e da eletrónica de pesquisa. É um vasto mundo este que foi aberto por figuras como John Cage,

Pierre Henry e Iannis Xenakis ou por coletivos como Musica Elettronica Viva, AMM e Nuova Consonanza, um mundo feito de paisagismos sonoros, concretismos, circuitos integrados, traficâncias.

Para além de concertos no Teatro Maria Matos e na Culturgest, o Metasonic também integra neste ano um projeto europeu com as mesmas coordenadas, fruto da parceria da Granular com seis associações congéneres – o Opensound. Nesta iniciativa, que decorre ao longo de uma semana no Goethe Institut, no IPA e em outros espaços urbanos, o som é objeto de uma aprendizagem partilhada, sem distinção entre professores e

alunos, artistas profissionais e pessoas interessadas em criar arte, para se tornar, finalmente, pertença de todos.

The Granular Association's bi-annual Metasonic cycle seeks to promote sound and audio-visual arts in Portugal. This year's event will show current trends in research into electroacoustics and electronics, a vast world opened up by figures such as John Cage, Pierre Henry and Iannis Xenakis, or groups such as Musica Elettronica Viva, AMM and Nuova Consonanza. Besides concerts at Teatro Maria Matos and Culturgest, Metasonic also includes a European project – Opensound – a week-long

initiative at the Goethe Institut, IPA and other urban spaces, in which sound becomes an object of shared learning.

Instalação/Performance
Qui 21 de junho, 18h30
Sala 2 · Duração aprox. 50 min
3,5€ (preço único)

MEKHAANU/La forêt des mécanismes sauvages
Guitarras elétricas preparadas:
Abdul Moimême

MEKHAANU/La forêt des mécanismes sauvages é o nome do mais recente projeto a solo do guitarrista Abdul Moimême. Neste, o músico explora um universo de timbres, texturas e espaços, criados a partir da preparação de duas guitarras elétricas, tocadas em simultâneo. Despojando-as de qualquer efeito eletrónico suplementar, para além da habitual amplificação elétrica, o discurso musical é construído a partir da vibração de objetos que se vão agrupando sobre as doze cordas como esculturas sonoras em constante mutação. Foi com esta abordagem que o seu anterior trabalho a solo captou a atenção da revista *WIRE*, tendo o crítico Brian Morton escrito que “Moimême transforma as suas guitarras (...) de facto, em nada que se pareça ao som de uma guitarra elétrica convencional”. A sua recente participação em discos como *Complainte de marée basse*, *Suspensão*, *Khettahu*, *Le beau déviant* e *Brume* têm sido destacadas pela crítica dado o seu som abstrato, por vezes quase mecânico. Em *MEKHAANU* o ouvinte é convidado a criar

as suas próprias associações a partir de um discurso intrinsecamente narrativo.

Música
Sex 22 de junho, 21h30
Pequeno Auditório
Dur. aprox. 2h com intervalo
Concerto duplo
10€ (até aos 30 anos: 5€)

ZNGR Electroacoustic Ensemble + ZoidFactory
Duração aprox. 50 min
Violino, eletrónica:
Carlos “Zíngaro”;
Guitarra elétrica, *field recording*, eletrónica:
Emídio Buchinho;
Computador, microfones,
eletrónica: Carlos Santos;
Síntese e processamento
de vídeo: ZoidFactory

Feita de pequenas *nuances* e de fantasmizações sonoras, a música criada pelo ZNGR Electroacoustic Ensemble é iminentemente coletiva. Um pioneiro da experimentação eletrónica em Portugal, Carlos “Zíngaro” é também um dos grandes baluartes da improvisação internacional, tendo colaborado com um imenso rol de figuras que vai de Steve Lacy a Otomo Yoshihide. Emídio Buchinho é um explorador das potencialidades da guitarra elétrica, por meio de preparações físicas e eletrónicas. Tocou com músicos como Gunter Muller, Matt Wand, Vítor Joaquim e Nuno Rebelo. Carlos Santos é uma das principais referências nacionais da música por computador, em associações com Paulo Raposo, Ernesto Rodrigues, Rhodri Davies e Stéphane Rives, entre outros.

ZoidFactory (Pedro Santana) é, por sua vez, um dos mais criativos vídeo-artistas da atualidade no nosso país.

Macromassa
Duração aprox. 50 min
Clarinetes soprano e baixo,
eletrónica: Victor Nubla;
Poesia fonética, eletrónica:
Juan Crek

Grupo histórico catalão com origem em 1976, Macromassa surgiu na interseção do movimento Rock in Opposition dos anos 1970 com o pós-industrialismo da década seguinte. O projeto renasceu em 2010 com uma nova orientação e reduzido aos seus dois fundadores, Victor Nubla e Juan Crek. Com os clarinetes como interfaces de uma laboração eletroacústica, o percurso de Nubla passou por colaborações que foram de John Cage a Francisco López, passando por Tim Hodgkinson (Henry Cow) e Raoul Bjorkenheim (Scorch Trio). Poeta fonético inspirado nos princípios do surrealismo, Crek utiliza igualmente vários dispositivos eletrónicos. É um dos fundadores da Banda d'Improvisadors de Barcelona e dirige o coletivo OME Acustic.

Programa completo:
[www.granular.pt/
metasonic_2012.html](http://www.granular.pt/metasonic_2012.html)

A GRANULAR é uma estrutura financiada pela Direção Geral das Artes/Presidência do Conselho de Ministros – Secretaria de Estado da Cultura



Enquanto Vivermos

de Pedro Gil

Espectáculo integrado no Festival de Almada



© José F. Azevedo

QUI 5, SEX 6, SÁB 7, DOM 8
DE JULHO

Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração prevista: 2h
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M16

Direção artística Pedro Gil **Cocriação e interpretação** Pedro Gil e Romeu Costa **Espaço cénico** Pedro Silva **Som** Pedro Costa **Vídeo** João Gambino **Direção de produção** Ana Pereira **Produção** Susana Cecílio **Coprodução** AnaPereira.PedroGil e Culturgest **Residência** Negócio – ZDB

Em 1998, ainda sem carta de condução, tive de ir ao teatro por causa da prova de cultura geral de acesso ao conservatório. Um amigo meu, espectador profissional, levou-me ao já extinto Teatro do Século. Foi a minha primeira vez num teatro – não quero que as anteriores contem. Tenho a sensação de que adorei os atores e o texto e de ter dado algumas gargalhadas embora não me lembre de quase nada, apenas que havia dois homens e uma mulher e um deles, a dado momento, deitava-se com ela numa cama e debaixo dos lençóis fingiam fazer coisas. Ainda não tenho certezas sobre o que irá acontecer neste espetáculo que agora vos tento apresentar, mas sei que o que mais gostava era de, no fim de tudo, ir com uma ou duas pessoas comer um bife ao Snob – como da primeira vez – e uma vez despachado o assunto do espetáculo, falar de muitas outras coisas, de uma forma nítida e disponível, com alguma ternura e muitos palavrões. Talvez o vinho ajudasse. Ao longo da conversa, à medida que pisávamos as falas uns dos outros, chegaríamos a novas ideias e gesticularíamos muito, as paixões reacender-se-iam, brindáramos a tudo e mais alguma coisa, desenháramos projetos por entre nuvens de fumo, e os nossos olhos humedecer-se-iam de entusiasmo e riso.

Pedro Gil

A AnaPereira.PedroGil interessam as parcerias com outras estruturas e artistas e os processos de cocriação e experimentação. Nos últimos anos desenvolveram projetos, entre outros, com Cláudia Varejão, Gonçalo Amorim e Tiago Rodrigues. Destacam-se as criações *Homem-Legenda*, *Mona Lisa Show*, *Às Vezes as Luzes Apagam-se*, *Centro de Dia* e *Tristeza e Alegria na Vida das Girafas*.

Pedro Gil is still not sure about what will happen in this show, but what he would most like to do, at the end of it all, is to go with one or two people to eat a steak, just as he did the first time he went to the theatre (the previous occasions don't count), and talk about all kinds of other things, light-heartedly, clearly and readily, with a certain amount of tenderness and lots of swearing. In the course of the conversation, as they each interrupted one another's speeches, they would arrive at new ideas and gesticulate a lot, toasting everything under the sun, designing projects amidst clouds of smoke, and their eyes would gloss over with enthusiasm and laughter.

Murmures des Murs

de Victoria Thierée-Chaplin
com Aurélia Thierrée

e com Jaime Martinez e Magnus Jakobsson ou Antonin Maurel

Espectáculo integrado no Festival de Almada



© Richard Haughton

QUI 12, SEX 13, SÁB 14,
DOM 15 DE JULHO

Grande Auditório
21h30 (dom às 17h)
Duração: 1h20
18€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Conceção e encenação Victoria Thierrée-Chaplin **Com** Aurélia Thierrée e com Jaime Martinez e Magnus Jakobsson ou Antonin Maurel **Cenário** Victoria Thierrée-Chaplin **realizado por** Etienne Bousquet e Gerd Walter **Figurinos** Véronique Grand, Jacques Perdiguez, Monika Schwarzl e Victoria Thierrée-Chaplin **realizados por** Sophie Bellin e Aurélie Guin **Coreografia** Victoria Thierrée-Chaplin e Armando Santin **Produção** Compagnie des Petites Heures **Coprodução** Théâtre de Carouge – Atelier de Genève / Les Théâtres de la Ville de Luxembourg / Cirque-Théâtre d'Elbeuf / La Coursive; Scène nationale de La Rochelle / Grand Théâtre de Provence (Aix-en-Provence) / Scène nationale de Sénart / Théâtre de l'Archipel (Perpignan) e El Canal Centre d'Arts Scéniques (Salt-Girona) – Scène Catalane Transfrontalière (ECT-SCT) / Théâtre de Caen / Ville de Saint Quentin – Picardie / Le Rive Gauche – Scène conventionnée pour la danse / Théâtre de Villefranche (69) – Scène conventionnée / Avant Seine – Colombes / Crying Out Loud – Londres

Depois de ter enfeitado o público com o seu espetáculo *Oratorio* (que esteve em Lisboa no CCB em 2005), Aurélia Thierrée regressa para atravessar as paredes do nosso imaginário!

Aurélia Thierrée pisa o palco desde a infância: primeiro ao lado dos seus pais (*Le Cirque Imaginaire* e *Le Cirque Invisible*, que também foi apresentado na Culturgest em 2008, sem Aurélia), depois, já mulher, como personagem central dos seus próprios espetáculos.

Nesta sua segunda criação, Aurélia evolui no chão e no ar com a graça que se lhe conhece. Através de objetos de formas inventivas, de estranhas criaturas que surgem de combinações improváveis, de cenários transformáveis, de cúmplices invisíveis, percorre as fachadas de prédios abandonados, penetra em apartamentos vazios, mergulha em histórias que não são as suas, dança suspensa no ar... Entre teatro, circo e dança, esta artista única e inclassificável cria universos de uma beleza hipnótica, marcados pela ilusão e pela magia, em que transforma, com uma simplicidade desconcertante, visões muito pessoais em momentos partilhados de graça, de sonho, de ternura, de emoção.

After enthralling audiences with *Oratorio* (at the CCB in 2005), Aurélia Thierrée returns to Lisbon to break through the walls of our imagination once again. She began her stage career in circus acts alongside her parents, later becoming the central character in her own shows. In *Oratorio*, she sought refuge in a “small interior world” where appearances are deceptive, and now, in this second creation – a blend of theatre, circus and dance – she creates universes of a hypnotic beauty marked by illusion and magic, transforming very personal visions into shared moments of grace and tenderness.

*Fantástico, onírico,
inclassificável e pleno de graça.
La Libre, Bélgica*

*Há mesmo um universo
“Thierrée Chaplin”: o da ilusão,
de que cada um dos membros
da família se apropria e que dá
aos espectadores o desejo de
descobrir cada vez mais desse
universo. É tão raro que não se
pode perder!*

www.fluctuatnet.fr

Exposições

Livraria de arte



Em fevereiro do ano passado, a Culturgest abriu uma livraria especializada em arte contemporânea. É uma pequena livraria que vai crescendo gradualmente e cujos títulos são criteriosamente selecionados com base numa pesquisa constante, alheia a preocupações de ordem comercial. Nela se encontram, naturalmente, as publicações editadas pela Culturgest. Um dos propósitos da livraria é contextualizar o programa de exposições da Culturgest, e por isso ela compreende muitas publicações de artistas que aqui expuseram o seu trabalho: por exemplo, Mark Manders, Kees Goudzwaard, Jean-Luc Moulène, Walid Raad, Francisco Tropa, Frances Stark, Willem Oorebeek, Joëlle Tuerlinckx, Matt Mullican, Peter Fischli e David Weiss, Hans-Peter Feldmann, Rachel Harrison, ou Batia Suter. Mas nela se encontram também representados outros artistas: Eva Hesse, Dan Graham, Cosima von Bonin, Isa Genzken, Blinky Palermo, Aglaia Konrad, Stanley Brouwn, ou Marcel Broodthaers, para dar apenas alguns exemplos. A livraria inclui uma ampla secção de escritos e entrevistas de artistas, outra de teoria e história de arte, além de uma panóplia de publicações muito diversas que, por vezes, se vão agrupando em pequenas constelações. Artistas e autores consagrados convivem com outros menos conhecidos; editoras de grande dimensão (Yale University Press, MIT Press, University of California Press,

Walther König, JRP Ringier, Steidl) repartem as prateleiras com projetos editoriais de escala mais reduzida (por exemplo, Roma Publications, Ridinghouse, ou Sternberg Press) ou mesmo de muito pequena dimensão (Primary Information ou Occasional Papers). As publicações são disponibilizadas a preços muito tentadores, para que as possamos partilhar com tantas pessoas quanto possível.

Last year, in February, Culturgest opened a bookshop that specialises in contemporary art. It is a small bookshop that will gradually grow in size and whose items are very carefully selected, based on constant research and free of commercial constraints. Naturally, Culturgest's own publications are all to be found here. Since one of the aims of this bookshop is to establish a support framework for the Culturgest exhibition programme, it includes many publications relating to artists who have already exhibited their work here: for example, Mark Manders, Kees Goudzwaard, Jean-Luc Moulène, Walid Raad, Francisco Tropa, Frances Stark, Willem Oorebeek, Joëlle Tuerlinckx, Matt Mullican, Peter Fischli and David Weiss, Hans-Peter Feldmann, Rachel Harrison, and Batia Suter. But other artists are also well represented here: Eva Hesse, Dan Graham, Cosima von Bonin, Isa Genzken, Blinky Palermo, Aglaia Konrad, Stanley Brouwn, and Marcel Broodthaers, just to give a few examples. The bookshop

includes a broad selection of artists' own writings and interviews, another section on art theory and history, as well as a whole panoply of highly diverse publications that can sometimes be grouped together in small clusters. Established artists and authors rub shoulders with others that are less well known; large-scale publishers (Yale University Press, MIT Press, University of California Press, Walther König, JRP Ringier, Steidl) share shelves with lesser-sized publishing projects (for example, Roma Publications, Ridinghouse, or Sternberg Press) or even very small publishers (Primary Information or Occasional Papers). The publications are placed on sale at very tempting prices, so that we can share them with as many people as possible.

Aberta de segunda a sexta-feira, das 11h às 19h. Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h. Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições. Telefone: 21 790 51 55

Michael E. Smith



Larry Bird, 2010 · Cortesia KOW, Berlin

ATÉ 13 DE MAIO

Galeria 1
2€

As bilheteiras, as galerias
e a livraria encerram nos dias
6 e 8 de abril.

Curadoria Miguel Wandschneider

Se soubermos que Michael E. Smith (Detroit, 1977) cresceu e viveu grande parte da sua vida numa cidade devastada pela degradação acelerada e por uma pobreza extrema, resultantes da falência dos setores industriais tradicionais, e em especial da indústria automóvel, encontramos aí uma chave de leitura importante para o seu trabalho. E se soubermos que o artista teve, desde muito novo, uma forte imersão na cultura *hip-hop*, encontramos aí outra chave para entender a combustão criativa, algumas referências oblíquas e a atitude que se expressam no seu trabalho.

Michael E. Smith utiliza frequentemente objetos quotidianos e materiais industriais, manipulando-os ora de modo mais abrasivo, ora de modo mais subtil, para construir formas e superfícies. O seu processo criativo encontra nos períodos curtos e intensos de montagem das exposições o seu momento culminante, uma espécie de erupção: é então que ele decide, com acentuado sentido de improvisação, acerca da forma final de muitas obras. O seu *modus operandi*, extremamente intuitivo e flexível, é da ordem da ação táctica, e não do pensamento estratégico.

Michael E. Smith expõe na Culturgest na sequência da sua exposição em 2010 na Galeria KOW, em Berlim, que deu a conhecer o seu trabalho na Europa, e em paralelo com a sua participação na Bienal de Whitney, em Nova Iorque, um indicador apenas, entre outros, do crescente interesse que o seu trabalho tem vindo a suscitar na cena artística internacional.

Michael E. Smith (Detroit, 1977) grew up and has lived most of his life in a city which, as a result of the collapse of its traditional industrial sectors (particularly the automobile industry), has been declining at a fast rate and is wrought with extreme poverty. This fact provides us with an important key to interpreting his work. Further knowing that the artist became deeply immersed in the hip-hop culture from a very early age provides us with yet another clue to understanding the creative combustion, some oblique references and the attitude expressed in his work.

Michael E. Smith frequently uses everyday objects and industrial materials, manipulating them sometimes rather harshly, sometimes more subtly, in order to construct forms and surfaces. His creative process finds its culminating moment in those short and intense periods when he is displaying his work in the exhibition space, which for him amount to a kind of eruption: it is then when, with his keen sense of improvisation, he decides upon the final form he wishes to give to many of his works. His *modus operandi* is extremely intuitive and flexible, akin to tactical manoeuvring, rather than to strategic thought.

Visitas guiadas por
Miguel Wandschneider
Sábado, 21 de abril, 17h
Sábado, 12 de maio, 18h30

Katinka Bock

Personne



Winterlandschaft mit Hut, 2011 [Paisagem de inverno com chapéu] · Cortesia Meyer Riegger, Karlsruhe/Berlim · Fotografia: Trevor Lloyd

ATÉ 13 DE MAIO

Galeria 2
2€

As bilheteiras, as galerias e a livraria encerram nos dias 6 e 8 de abril.

Curadoria Miguel Wandschneider

Uma preferência por materiais simples e uma rigorosa economia de gestos e de procedimentos na manipulação desses materiais são aspetos salientes do trabalho escultórico de Katinka Bock (Frankfurt am Main, 1976). A artista utiliza recorrentemente nas suas peças cerâmica e materiais básicos de construção, como madeira e aço, mas também tecido, bronze, pedra, chumbo, vidro e areia, entre outros. Em algumas peças, ela emprega um material apenas; outras peças evidenciam a sua extraordinária capacidade para provocar o encontro, a interação, entre dois ou mais materiais. Os procedimentos e gestos que participam na sua transformação são sempre muito discretos, por vezes mínimos.

A escultura é, de entre todas as artes, o terreno em que se decide com maior acuidade a questão da consonância entre matéria e pensamento. Simples e não raramente austeras nos seus materiais e nas suas formas, dotadas de uma intensa energia e de um subtil poder evocativo, as esculturas de Katinka Bock concretizam e condensam o processo de pensamento que lhes deu origem. As ressonâncias e os sentidos que as obras produzem ou propiciam dependem, acima de tudo, das suas propriedades físicas e formais, mas também das relações que entre elas se estabelecem num determinado espaço expositivo. Em qualquer caso, o seu trabalho é eminentemente introspetivo, convidando o espectador a um estado de recolhimento interior.

The sculptural work of Katinka Bock (Frankfurt am Main, 1976) is marked by her preference for simple materials and a strict economy of gestures and procedures in their manipulation. In her pieces, she repeatedly uses ceramics and basic building materials, such as wood and steel, but also fabric, bronze, stone, lead, glass and sand, among others. In some of them, she works with just one material, while others highlight her extraordinary capacity to bring about an encounter, or an interaction, between two or more materials. The procedures and gestures that she brings into play in their transformation are always very discreet, sometimes even minimal.

Of all the arts, sculpture is the one where the keenest acumen is required in generating the harmony between material and thought. Simple and frequently austere in their materials and forms, and endowed with an intense energy and a subtly evocative force, Katinka Bock's sculptures realise and condense the thought process that lay at their origin. The resonances and meanings produced or favoured by her works depend, above all, on their physical and formal properties, but also on the relationship established between the works in a particular exhibition space. Whatever the case, her work is highly introspective, inducing the spectator into a state of inner retreat.

Visita guiada por
Miguel Wandschneider
Sábado, 12 de maio, 17h

Jos de Gruyter e Harald Thys

Projeção de filmes

Film screenings



Untitled (Les énigmes de Saarlouis), 2012

SÁB 14 DE ABRIL

Pequeno Auditório

18h · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Das Loch, 2010 [O Buraco]

Vídeo, cor, som, 27'

Untitled (Les énigmes de Saarlouis), 2012

Vídeo, cor, som, 18'

No final de 2009, Jos de Gruyter (Geel, Bélgica, 1965) e Harald Thys (Wilrijk, Bélgica, 1966) realizaram uma exposição na Culturgest, em Lisboa, que se articulava em torno de dois filmes recentes – *Der Shlamm von Branst* e *The Frigate* (A Fragata) – e punha estes em relação, respetivamente, com um conjunto de esculturas em barro e uma pequena série de fotografias a preto e branco. Dois anos e meio volvidos, eles apresentam na galeria de exposições da Culturgest do Porto uma extensa série de fotografias a cores (ver texto adiante neste programa). Aproveitando o regresso desta dupla de artistas, são projetados os seus dois filmes mais recentes. Gruyter e Thys encenam em muitos dos seus filmes um teatro do absurdo em que a condição humana é retratada de forma impiedosa: cenas narrativas esquemáticas, que se desenrolam em espaços fechados, sem comunicação com o mundo exterior, onde personagens estranhas e caricaturais se comportam maquinalmente ou surgem alienadas num estado de mutismo e imobilidade, entregues a circunstâncias que não compreendem e a forças que não controlam. As personagens dos dois filmes agora exibidos já não são representadas pelo elenco habitual a que os artistas recorrem (uma trupe constituída sobretudo por familiares e amigos), mas por manequins rudimentares animados por uma voz *off*.

Towards the end of 2009, Jos de Gruyter (Geel, Belgium, 1965) and Harald Thys (Wilrijk, Belgium, 1966) held an exhibition at Culturgest, in Lisbon, centred around two recent films – *Der Shlamm von Branst* and *The Frigate* – in which a relationship was established between each of these and a group of clay sculptures and a small series of black-and-white photographs, respectively. Two years later, at Culturgest's exhibition space in Porto, the two artists now present an extensive series of colour photographs (see text elsewhere in this programme). Taking advantage of the return of this duo of artists, their two most recent films will also be screened in Lisbon. In many of their films, Gruyter and Thys stage a theatre of the absurd, in which the human condition is mercilessly depicted: schematic narrative scenes unfold in enclosed spaces where strange, caricature-like characters behave mechanically or appear alienated in a state of immobility and mutism, caught up in circumstances they do not understand and subject to forces they do not control. The characters in these two new films are not played by the usual cast of their films (a troupe consisting above all of family and friends), but by rudimentary mannequins animated by a voice off screen.

Jef Geys

As Sombras de Lisboa
The Shadows of Lisbon



© Jef Geys

DE 16 DE JUNHO
A 2 DE SETEMBRO

Inauguração:
15 de junho, 22h

Galeria 1
2€

Curadoria Miguel Wandschneider

Artista de referência máxima no seu país, figura de culto em círculos seletos do mundo da arte internacional, Jef Geys (Leopoldsborg, Bélgica, 1934) participou na Bienal de São Paulo em 1991, na Documenta de Kassel em 2002 e na Bienal de Veneza em 2009, aqui como representante da Bélgica. Não obstante, ele continua a ser um artista pouco e mal conhecido internacionalmente. Para isso contribui, em primeiro lugar, o seu trabalho extremamente idiossincrático, impossível de enquadrar pelas sucessivas conjunturas artísticas, mas também o modo como, desde o início da sua carreira no final da década de 1950, ele construiu uma posição de radical independência e liberdade em relação às forças do mundo da arte (mercado e sistema institucional) e às regras do jogo instituídas nesse contexto. A sua produção artística é inseparável das suas múltiplas atividades enquanto indivíduo na sociedade, por outras palavras, é indissociável das dimensões comuns da sua vida e da realidade envolvente. Esta exposição arrisca a apresentação do trabalho de um artista desconhecido em Portugal através de um novo projeto. Num volumoso livro de quinhentas páginas intitulado *Todas as minhas fotografias a preto e branco até 1998*, Jef Geys compilou essas imagens organizadas em provas de contacto – uma prova de contacto por cada página do livro –, um valioso arquivo de documentação sobre o seu trabalho artístico, sobre a sua vida e sobre o modo como aquele e esta se entrelaçam. As duas últimas provas de contacto reproduzidas no livro correspondem a fotografias tiradas por Jef Geys em Lisboa, em 1998. O projeto por ele agora proposto toma como material de base as trinta e seis fotografias reunidas na última prova de contacto.

A leading artist in his own country and a cult figure in select circles of the international art world, Jef Geys (Leopoldsborg, Belgium, 1934) participated in the São Paulo Biennial in 1991, in the Kassel Documenta in 2002 and the Venice Biennale in 2009, in this latter case representing Belgium. Nonetheless, he remains an artist who is little known internationally. This situation can be explained, firstly, by his extremely idiosyncratic work, impossible to fit into successive artistic circumstances, but also by the way in which, right from the launch of his career at the end of the 1950s, he began building a position of radical independence and freedom in relation to the forces of the art world (the market and the institutional system) and the rules of the game established within this context. This exhibition boldly presents the work of an artist who is unknown in Portugal in the form of a new project.

Visitas guiadas por
Miguel Wandschneider
Sábado, 30 de junho, 17h
Sábado, 1 de setembro, 17h

António Palolo

Os filmes

The films



Sem título, c. 1968-1969 - 8 mm, p/b, s/som, 3'18"

DE 16 DE JUNHO
A 2 DE SETEMBRO

Inauguração:
15 de junho, 22h

Galeria 2
2€

Curadoria Miguel Wandschneider

Entre o final da década de 1960 e 1978, António Palolo (Évora, 1946-Lisboa, 2000) realizou um conjunto extraordinário de filmes e experiências em filme. Os primeiros filmes, ainda em 8 mm, são animações a preto e branco, construídas a partir de procedimentos de recorte e colagem, que associam, com um humor transbordante, imagens retiradas de revistas e elementos geométricos. Os filmes realizados a partir do início da década de 1970, todos em Super 8 mm, incluem *Drawings/Lines* (1971), uma sequência rítmica de desenhos em contínuo movimento, riscados diretamente na película; *Lights* (1972-1976), uma sequência de imagens abstratas criadas a partir de diversas experiências de manipulação da luz; *Sem título* (1972-1976), uma espécie de súpula das experiências cinematográficas do artista desde o final da década de 1960; ou *OM* (1977-1978), filme genésico, misterioso, em que o pensamento abstrato se transmuta constantemente no concreto da matéria, e o nível microscópico das coisas se permuta com a representação macroscópica do universo. Esta exposição é uma oportunidade única, imperdível mesmo, para conhecer um conjunto de obras e experiências em filme que, apesar da sua enorme importância, não apenas no contexto da obra de António Palolo, mas também na história da arte portuguesa, permanece ainda em grande medida desconhecido dos públicos da arte contemporânea.

Between the end of the 1960s and 1978, António Palolo (Évora, 1946-Lisbon, 2000) made an extraordinary series of films and experiments in film. His first films, shot in 8 mm, are black-and-white animations, constructed according to a cut-and-paste methodology and associating, with great sense of humour, images taken from magazines with geometric elements. The films from the early 1970s onwards, all made in Super 8 mm, include *Drawings/Lines* (1971), a rhythmic sequence of drawings in continuous movement, directly inscribed onto the film strip; *Lights* (1972-1976), a sequence of abstract images created from various experiments with light; *Untitled* (1972-1976), a kind of summary of the artist's cinematic experiments from the late 1960s onwards; and *OM* (1977-1978), a mysterious genesis, in which abstract thought is constantly transformed into concrete substance, and the microscopic level of things interchanges with the macroscopic representation of the universe. This exhibition offers a unique opportunity to discover a series of works and experiments in film that, despite their huge importance both in the context of António Palolo's work and in the history of Portuguese art, still remain largely unknown to contemporary art audiences.

Visitas guiadas por
Miguel Wandschneider

Sábado, 23 de junho, 17h

Sábado, 1 de setembro, 18h30

Jos de Gruyter e Harald Thys

Objetos como Amigos
Objects as Friends



CULTURGEST PORTO
ATÉ 19 DE MAIO

Entrada gratuita

**Aos sábados, às 17h,
como complemento à
exposição, serão projetados
vários vídeos de Jos de
Gruyter e Harald Thys:**

7 de abril

Ten Weyngaert, 2007, 26'

14 de abril

The Frigate, 2008, 19'

21 de abril

*Der Schlamm von Branst,
2008, 20'*

28 de abril

Das Loch, 2010, 27'

5 de maio, 12 de maio

*Untitled (Les enigmes de
Saarlouis), 2012, 18'*

**Visitas guiadas a grupos
escolares e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)**

Inscrições e informações:

Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121

susana.sameiro@cgd.pt

Curadoria Miguel Wandschneider

Jos de Gruyter (Geel, Bélgica, 1965) e Harald Thys (Wilrijk, Bélgica, 1966) trabalham em conjunto desde o final da década de 1980. Ao longo dos anos, produziram numerosas obras em vídeo, pelas quais são mais conhecidos, mas o seu trabalho engloba também, com frequência, fotografias, esculturas e desenhos. Inspirando-se na realidade quotidiana, e fazendo uso de um humor absurdo, Jos de Gruyter e Harald Thys retratam de forma caricatural e impiedosa a nossa condição humana. Depois da exposição que realizaram na Culturgest em Lisboa, no final de 2009, esta dupla de artistas apresenta agora uma muito extensa série de fotografias a cores, estranhas composições feitas com objetos quotidianos, captados contra um fundo cinzento e sob uma luz crua. Eles prosseguem assim a construção de mundos paralelos, em grande medida indecifráveis, mas desta vez aventurando-se, à sua maneira muito particular, pelo género da natureza-morta.

Esta exposição é organizada em colaboração com Kestnergesellschaft, em Hanóver, e Mu.ZEE, em Oostende.

Jos de Gruyter (Geel, Belgium, 1965) and Harald Thys (Wilrijk, Belgium, 1966) have worked together since the late 1980s. Over the years, they have produced countless videos, for which they are best known, but their work also frequently includes photographs, sculptures and drawings. Seeking their inspiration in everyday reality, and making use of an absurd humour, Jos de Gruyter and Harald Thys offer a merciless (and caricatural) portrait of the human condition. After their exhibition at Culturgest in Lisbon, in 2009, the artists are now presenting a very extensive series of colour photographs, strange compositions of everyday objects, captured against a grey background and under a harsh light. In this way, they pursue their construction of parallel and largely indecipherable worlds, but on this occasion venturing, in their own particular fashion, into the genre of still life.

This exhibition is organised in association with Kestnergesellschaft, in Hannover, and Mu.ZEE, in Ostend.

Pedro Casqueiro

CULTURGEST PORTO

DE 2 DE JUNHO
A 2 DE SETEMBROInauguração:
1 de junho, 22h

Entrada gratuita

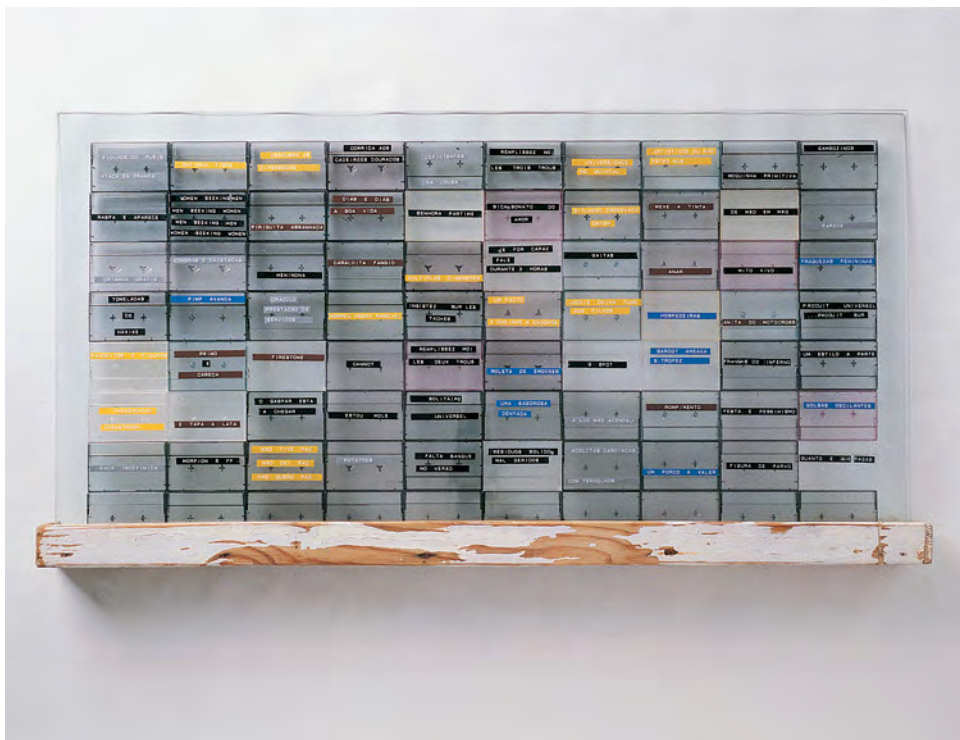
Curadoria Miguel Wandschneider

A expectativa em relação a uma nova exposição de Pedro Casqueiro (Lisboa, 1959) – artista de referência na história da pintura portuguesa desde a década de 1980, já consagrado inclusivamente com uma retrospectiva na Fundação Calouste Gulbenkian, em 1997 – é a de que ela seja em grande medida a confirmação de uma obra já conhecida e perfeitamente consolidada. A presente exposição, contudo, incide sobre uma faceta praticamente desconhecida do seu trabalho. Nos últimos cerca de vinte anos, paralelamente à rotina da sua prática de *atelier*, à margem da sua produção de pintura que foi sendo apresentada publicamente, Casqueiro foi-se dedicando, de forma intermitente, ao sabor das circunstâncias, a realizar obras que se desviam, em maior ou menor grau, do trabalho que dele já se conhece. São na sua maioria obras de pequena dimensão, mas seria um erro considerá-las por isso menores; são obras atípicas, feitas de forma mais imediata, com grande sentido de improvisação, em que incorpora imagens e materiais encontrados, em que utiliza e por vezes combina impressão serigráfica, colagem, ou pintura a acrílico, mas seria igualmente equívoco considerá-las uma mera nota de rodapé no conjunto da sua obra. A exposição compreende cerca de quarenta obras, na sua maioria inéditas.

A new exhibition of Pedro Casqueiro (Lisbon, 1959) – a major reference in the history of Portuguese painting since the 1980s, whose importance was further underlined with his survey exhibition at the Calouste Gulbenkian Foundation in 1997 – brings with it the expectation that we will mainly witness the confirmation of an oeuvre that is already well known and firmly consolidated. This particular exhibition does, however, reveal a practically unknown aspect of his work. Over the last twenty years, in parallel to his daily studio practice and the painting works he has presented publicly, Casqueiro has intermittently dedicated himself to creating works that, to a greater or lesser degree, deviate from his already known artistic production. They are mainly small-sized, but by no means minor works; they are atypical works, being made in a more immediate manner, with a great sense of improvisation, and in which the artist incorporates found images and materials, using and sometimes combining silkscreen printing, collage or acrylic painting. It would nonetheless be wrong to consider them a mere footnote to his work as a whole. The exhibition consists of roughly forty works, most of which have never been shown before.

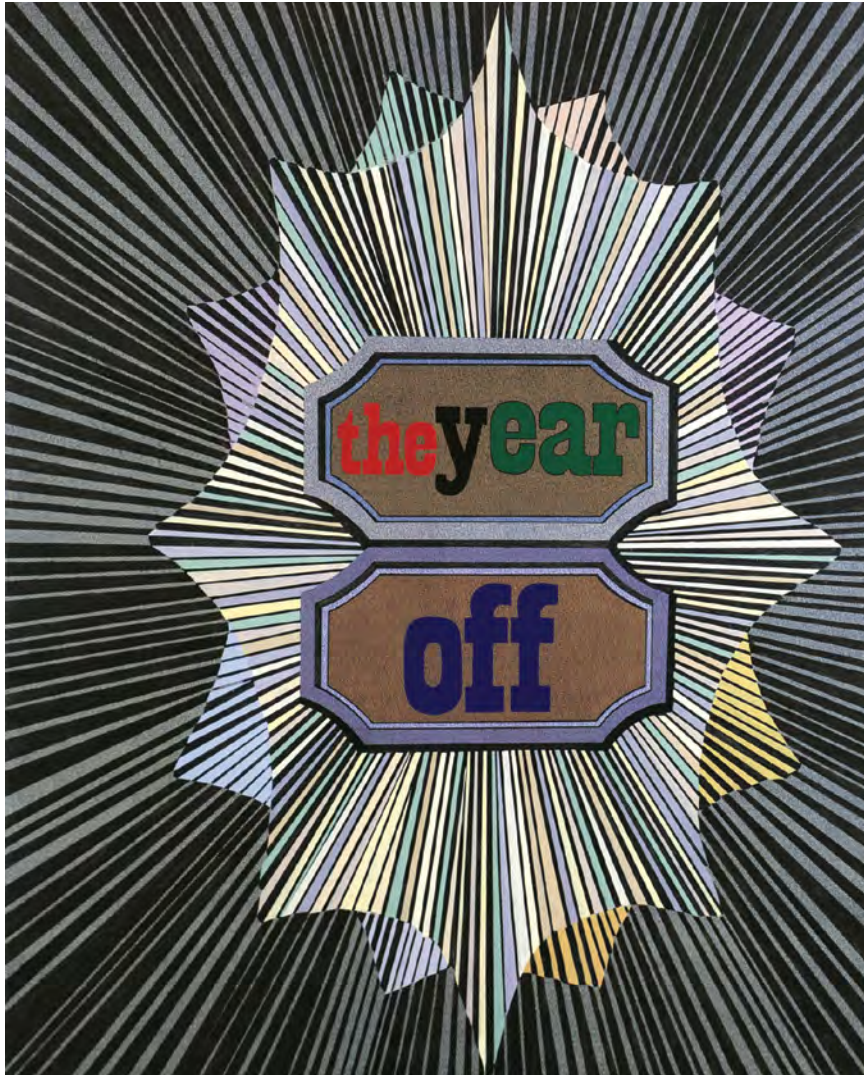
Visitas guiadas a grupos
escolares e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)

Inscrições e informações:
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt



Pedro Casqueiro e Ana Jotta. *Solitaire Universel*, 1994 · Coleção da Caixa Geral de Depósitos · Fotografia: Laura Castro Caldas/Paulo Cintra

Pedro Casqueiro



The year off, 2008 · Fotografia de Laura Castro Caldas

CHIADO 8
DE 2 DE JULHO
A 31 DE AGOSTO

Inauguração:
29 de junho, 22h

Entrada gratuita

Curadoria Bruno Marchand

Tendo iniciado o seu percurso expositivo em 1981, Pedro Casqueiro integra uma geração de artistas que, de modo assumido e desassombrado, resgatou a pintura do espartilho conceptual em que esta se havia enredado em meados da década anterior. Mergulhando na construção de obras de pendor essencialmente abstrato, o período inicial do seu trabalho foi marcado pela convocação de todos os recursos expressivos para a desconstrução do espaço pictórico. Sobre as ruínas deste exercício revelava-se o substrato de uma *interioridade extrovertida*, matizada no singular registo tonal que veio a caracterizar toda a sua prática posterior.

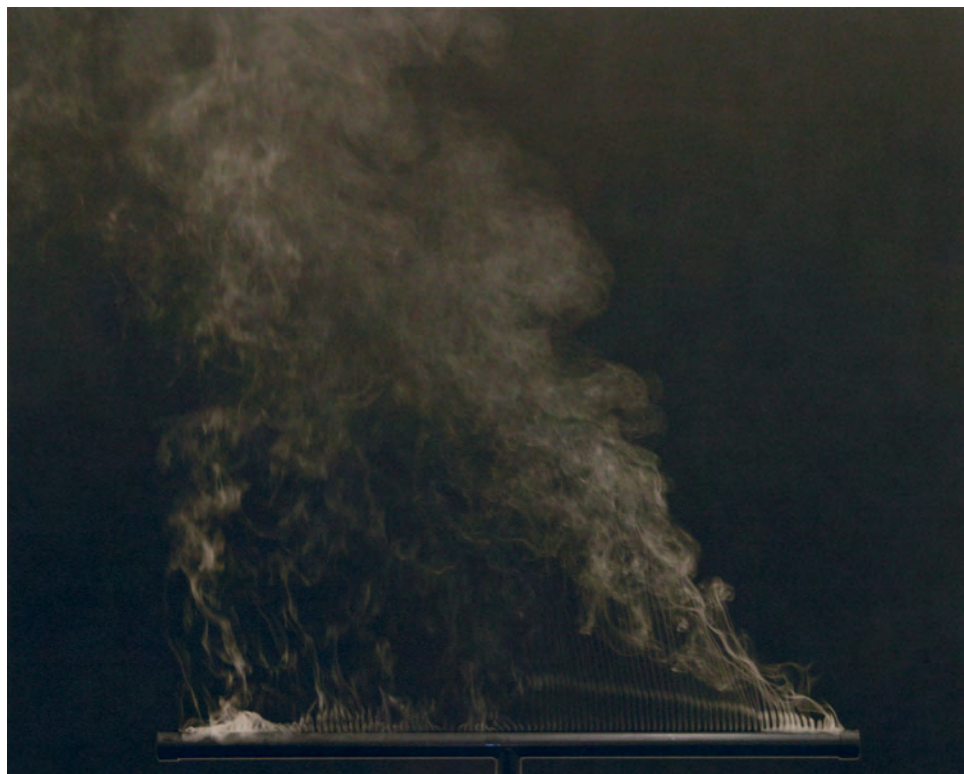
Libertando-se progressivamente da toada gestualista e matérica dos primeiros anos, as últimas duas décadas e meia assistiram a um paulatino movimento em direção a uma contenção formal e expressiva que viu surgir nas telas de Casqueiro geometrias e espaços estilizados, grelhas e pictogramas, textos e sinaléticas, diagramas e onomatopeias – todo um leque de signos visuais sobre o qual se estabelece um universo pictórico heterogéneo, compósito e, frequentemente, irónico.

Mais de dois anos depois da sua última exposição individual, e a cerca de uma década e meia da última presença nos circuitos institucionais, Pedro Casqueiro traz ao Chiado 8 uma criteriosa seleção de obras realizadas nos últimos dez anos. Nelas se confirma a relevância de um programa pictórico cujas autonomia e valor idiossincrático reservam a este artista um lugar ímpar no panorama da pintura contemporânea.

Having begun to exhibit his work in 1981, Pedro Casqueiro belongs to a generation of artists who have boldly and fearlessly rescued painting from the conceptual straitjacket it had become hidebound by in the middle of the previous decade. Progressively freeing himself from the gestural ambition of the initial period of his career, Casqueiro has, over the last two and a half decades, gradually shifted towards a formal and expressive restraint in his paintings, with the appearance of stylised geometries and spaces, grids and pictograms, texts and sign systems, diagrams and onomatopoeias – a whole range of visual signs upon which a heterogeneous pictorial universe is constructed, composite and frequently ironic. Over two years since his last solo exhibition, and roughly a decade and a half since his last appearance on the institutional circuits, Pedro Casqueiro is now bringing to Chiado 8 a careful selection of works produced in the course of the last ten years.

Zona Letal, Espaço Vital

Obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos



Rosângela Rennó, *Experiência de cinema (pormenor)*, 2004-2005. Cortesia da artista · Fotografia: Ding Musa

m|j|mo - museu da
imagem em movimento

Até 14 de abril

Entrada: 2,03€/1,01€

Consulte descontos em
<http://www.cm-leiria.pt>

m|j|mo - museu da
imagem em movimento

Largo de São Pedro (cerca do
castelo), 2400-235 Leiria
Tel. 244 839 675

mimo@cm-leiria.pt

<http://www.cm-leiria.pt>

Horário: de 2ª a 6ª das 9h
às 12h30; das 14h às 17h30
Sábado das 14h às 17h30

Atividades educativas

Conceção e coordenação:
Teresa Santos
Ateliers de som, poesia
e desenho; Visitas guiadas

Curadoria Sara Antónia Matos

O projeto de itinerância da Coleção da Caixa Geral de Depósitos apresenta a sua terceira edição. A exposição *Zona Letal, Espaço Vital* procura aproximar o espectador de algo a que geralmente não tem acesso: o processo criativo. Sabendo que este não é rígido nem visível e que cada artista desenvolve procedimentos singulares de criação, pretendeu mostrar-se que as obras não são o resultado de um desenvolvimento linear. A exposição é também o terreno onde o limite e a possibilidade de diálogo entre o corpo e as obras são testados. Deste modo, desafia-se o espectador a fazer resgates na memória e a usar o saber do seu corpo para apreender as múltiplas dimensões do espaço.

A terceira e última apresentação de *Zona Letal, Espaço Vital* tem lugar no m|j|mo – museu da imagem em movimento, em Leiria. São apresentadas obras de André Cepeda, Armanda Duarte, Carmela Gross, Fernando Calhau, Francisco Tropa, João Penalva, José Pedro Croft, Marcos Coelho Benjamin, Michael Biberstein, Noronha da Costa, Pedro Cabrita Reis, Ricardo Jacinto, Rui Sanches, Valeska Soares, Waltercio Caldas e Zulmiro de Carvalho.

A exposição é acompanhada por um catálogo e atividades educativas dirigidas a públicos diversos.

Culturgest presents the third edition of the travelling exhibition of the Coleção da Caixa Geral de Depósitos. The exhibition, *Lethal Zone, Vital Space*, attempts to bring to the spectator something to which s/he does not usual have access: the creative process. Bearing in mind that such a process is neither fixed nor visible, and that each artist develops individual creative procedures, our aim was to explore the ways in which works are not the outcome of a linear process. The exhibition is also the terrain where the parameters and the possibilities of dialogue between works and bodies are tested. In this way, the spectator is challenged to redeem memory and to utilise the body's intelligence in order to apprehend the multiple dimensions of space.

The third and last presentation of *Lethal Zone, Vital Space* is being shown at the m|j|mo – museu da imagem em movimento, Leiria. Artists included are: André Cepeda, Armanda Duarte, Carmela Gross, Fernando Calhau, Francisco Tropa, João Penalva, José Pedro Croft, Marcos Coelho Benjamin, Michael Biberstein, Noronha da Costa, Pedro Cabrita Reis, Ricardo Jacinto, Rui Sanches, Valeska Soares, Waltercio Caldas and Zulmiro de Carvalho. The exhibition is accompanied by a catalogue and educational activities for diverse publics.



Serviço Educativo

IndieJúnior'12 – Festival IndieLisboa

Marcação prévia · O Festival decorre entre 26 de abril e 6 de maio de 2012

Sábado, 14 de abril, 17h

Sessões gratuitas, exclusivas para professores, educadores e pais.

O olhar de quem realiza (en)contra o olhar de quem educa
São várias e legítimas as questões que surgem quando vemos um filme: Como pensa um realizador? Será ele um estratega, um artista ou ambos? Existe alguma preocupação com a interpretação da sua obra? Será que ele identifica validade pedagógica nos seus filmes? Como deverão os educadores ajudar as crianças a “ler” os filmes que veem?

Com a participação de Margarida Gil (realizadora), Rui Pereira (IndieJúnior) e Irina Raimundo (IndieJúnior).

Sábado, 28 de abril, 17h15

Sessões gratuitas, exclusivas para professores, educadores e pais.

1 realizador – 1 processo criativo

Um realizador de um filme que integra a programação do IndieJunior 2012 partilhará as suas experiências. Contamos com a presença de Kealan O'Rourke, realizador de *A Boy in the bubble*. Este conjunto de formações dedicadas a professores e pais, visa abrir um espaço de encontro, reflexão e debate sobre as estratégias, vantagens e metodologias que equacionam a inclusão do cinema na educação.

Com a participação de Kealan O'Rourke (realizador) e Rui Pereira (IndieJúnior).



Recursos pedagógicos

Audioguide das exposições (gratuito).

Mala pedagógica digital e sugestões de trabalho na escola disponíveis após marcação da visita. Consulte também a nossa publicação dedicada às escolas.

Públicos seniores: da ativação à participação do público sénior em atividades de museus e centros culturais

Marcação prévia · 65€ · Duração total do curso: 27h

Confere direito a certificado de participação · Lotação: 25 lugares

Segundas-feiras, 14 e 21 de maio, 4, 18 e 25 de junho. Das 10h às 13h e das 14h30 às 17h30.

Módulos

Contextualização histórica, social e legal · Acessibilidade aos edifícios · Motricidade e desenvolvimento físico · Desenvolvimento mental e cognitivo · Animação e intervenção · Projetos artísticos · Conclusões

Formadores e instituições convidadas

Associação Portuguesa de Terapeuta Ocupacionais · FITI – Federação das Instituições de Terceira Idade · Instituto do Envelhecimento – Universidade Nova de Lisboa · João Manuel Lima Fernandes · Joaquim Parra Marujo · Luís Manuel Jacob Museu da Chapelaria · Pedro Homem Gouveia · Programa Grundtvig · Companhia Maior · RUTIS – Associação Rede de Universidades da Terceira Idade



© Folha



© Folha

Consulte o programa completo, a partir de 20 de abril, em www.culturgest.pt/se

ReCoSE Summer School

Marcação prévia · 65€ · Duração total da Summer School: 30h

Confere direito a certificado de participação · Lotação: 35 lugares

De segunda a sexta-feira, 10 a 14 de setembro. Das 10h às 13h e das 14h30 às 17h30.

Consulte o programa completo, a partir de 15 de maio, em www.culturgest.pt/se

A Rede de Colaboradores de Serviços Educativos (ReCoSE), em parceria com o Serviço Educativo da Culturgest, vai organizar a primeira edição da sua Summer School. Com a inspiração de vários oradores, nacionais e internacionais, e as experiências trazidas pelos participantes, pretende-se criar um ambiente de imersão e reflexão crítica que permita identificar estratégias de sustentabilidade das práticas de educação em museus.

Atividades para adultos

(Per)Cursos com arte

Marcação prévia · 3€ (preço por sessão) · Duração aproximada: 1h30

Breves aulas de História da Arte concebidas para melhor compreender a Arte dos nossos dias.

O Erotismo na Arte: do fundo dos tempos aos nossos dias

Segunda-feira, 23 de abril, 12h30

Com Bruno Marques

Ready-mades e Objects trouvés: um feliz acaso?

1.ª parte: a indiferença nas primeiras vanguardas do século XX
Segunda-feira, 21 de maio, 12h30

Com Joana Batel

Ready-mades e Objects trouvés: um feliz acaso?

2.ª parte: a energia nas neovanguardas das décadas de 1960 e 1970
Segunda-feira, 11 de junho, 12h30 *

Com Joana Batel

O que é feito da Paisagem?

As ressonâncias da Paisagem na arte contemporânea

Segunda-feira, 25 de junho, 12h30

Com Bruno Marques

* Em setembro – 3.ª parte: a poética na atualidade

Atividades para pais

Marcação prévia · Participação gratuita · Duração aproximada: 1h30

Sábado, 14 de abril, 17h

O olhar de quem realiza (en)contra o olhar de quem educa

São várias e legítimas as questões que surgem quando vemos um filme: Como pensa um realizador? Será que ele identifica validade pedagógica nos seus filmes?

Com a participação de Margarida Gil (realizadora), Rui Pereira (IndieJúnior) e Irina Raimundo (IndieJúnior).

Sábado, 28 de abril, 17h15

1 realizador – 1 processo criativo

Um realizador de um filme que integra a programação do IndieJunior 2012 partilhará as suas experiências. Contamos com a presença de Kealan O'Rourke, realizador de *A Boy in the bubble*. Este conjunto de formações dedicadas a professores e pais, visa abrir um espaço de encontro, reflexão e debate sobre as estratégias, vantagens e metodologias que equacionam a inclusão do cinema na educação.

Com a participação de Kealan O'Rourke (realizador) e Rui Pereira (IndieJúnior).

Festas de anos

Enquanto os mais novos se divertem... ofereça aos outros pais uma atividade (finalmente) para adultos!

Enquanto o grupo de crianças está na oficina de festas de anos porque não convidar os outros pais para se reunirem? Aproveite para convidar os outros pais para um encontro, dentro da galeria, com diálogo, criatividade e muita interação.

Percursos e conversas na galeria

Requerem apenas o bilhete de entrada nas exposições

Michael E. Smith

Até 13 de maio

Galeria 1

Para mais informações ver páginas 58 e 59



À hora de almoço...

Visitas à exposição, comentadas e gratuitas, com diferentes autores e percursos.

Percurso com Ana Teresa Magalhães

Quinta-feira, 19 de abril, 12h10

Percurso com Bruno Marques

Quinta-feira, 26 de abril, 13h10

Visita guiada com o curador da exposição (Miguel Wandschneider)

Sábado, 21 de abril, 17h

Sábado, 12 de maio, 18h30

Katinka Bock

Até 13 de maio

Galeria 2

Para mais informações ver páginas 60 e 61



À hora de almoço...

Visitas à exposição, comentadas e gratuitas, com diferentes autores e percursos.

Percurso com Susana Alves

Quinta-feira, 18 de abril, 13h10

Percurso com Ana Teresa Magalhães

Sexta-feira, 27 de abril, 12h10

Visita guiada com o curador da exposição (Miguel Wandschneider)

Sábado, 12 de maio, 17h



Katinka Bock



Jef Geys

Jef Geys

De 16 de junho
a 2 de setembro
Galeria 1

Para mais informações
ver páginas 64 e 65



À hora de almoço...

Visitas à exposição, comentadas e gratuitas,
com diferentes autores e percursos.

Percurso com Susana Alves

Quarta-feira, 27 de junho, 13h10

Percurso com Ana Teresa Magalhães

Quinta-feira, 5 de julho, 12h10

Visita guiada com o curador da exposição (Miguel Wandschneider)

Sábado, 30 de junho, 17h

Sábado, 1 de setembro, 17h

António Palolo

De 16 de junho
a 2 de setembro
Galeria 2

Para mais informações
ver páginas 66 e 67



À hora de almoço...

Visitas à exposição, comentadas e gratuitas,
com diferentes autores e diferentes percursos.

Percurso com Susana Alves

Quinta-feira, 28 de junho, 12h10

Percurso com Ana Teresa Magalhães

Quarta-feira, 4 de julho, 13h10

Visita guiada com o curador da exposição (Miguel Wandschneider)

Sábado, 23 de junho, 17h

Sábado, 1 de setembro, 18h30



Audioguide gratuito disponível
à entrada da exposição e em
www.culturgest/se

Atividades para crianças e jovens

Celebra o teu dia de anos com arte

Marcação prévia · 185€ (por grupo) · Dos 5 aos 12 anos

Para grupos organizados (mínimo 10 crianças, máximo 20 crianças)

Dentro da galeria de arte ou com expressões artísticas variadas estas oficinas oferecem a possibilidade de uma festa fora do comum porque dedicada aos valores da criatividade, do encontro e da partilha.

Novas atividades: mais expressões artísticas, novos colaboradores e novas propostas.

Em cada nova temporada, novos temas e novos colaboradores contribuem para alargar a oferta. Sempre sem perder a qualidade e sem alterar as atividades mais bem sucedidas.

Enquanto os mais novos se divertem... desafie os outros pais!

Enquanto o grupo de crianças está na oficina, aproveite para convidar os outros pais para um encontro, dentro da galeria, com diálogo, criatividade e muita interação. Atividade gratuita.

Férias de verão na Culturgest

De 18 de junho a 27 de julho · De 3 a 7 de setembro · Dos 5 aos 7 anos · Dos 8 aos 12 anos

Oficinas de expressões artísticas. Tema geral das oficinas: o Lixo.

Para inscrições de grupos organizados veja a secção “Atividades para grupos”.

Oficinas de 5 sessões (de manhã ou de tarde): 40€. Desconto de 30% para filhos de colaboradores da CGD e na inscrição do segundo filho (desconto não acumulável). Almoço disponível para inscrições de dia inteiro. Valor diário do almoço: 6,85€. Possibilidade de acolhimento das crianças entre as 9h e as 10h e as 17h30 e as 18h30. Taxa adicional diária: 2€. Inscrição prévia. Lotação limitada. O desconto é aplicável apenas ao valor da oficina.

O Lixo

Elegemos o amplo conceito de Lixo para desenvolver e propor variadíssimas oficinas de férias de verão.

Na Era em que falar de Lixo é – sobretudo – lembrar a reciclagem, a reutilização e a recuperação, não queríamos que os nossos miúdos ficassem sem saber a longa história que o lixo, o desperdício e o objeto encontrado têm de braços dados com a História da Arte. Conhece essa estória?

Dos 5 aos 7 anos

das 10h às 13h e das 14h30 às 17h30

Dos 8 aos 12 anos

das 10h às 13h e das 14h30 às 17h30

Dia 1 de maio, no nosso site, descubra como vão ser estas oficinas... www.culturgest.pt/se
Ou solicite o nosso programa mensal através do nosso e-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

Atividades para grupos: crianças, jovens e adultos

Solicite os nossos programas de divulgação, específicos para cada público.

Debates, conversas e jogos dentro da galeria

Marcação prévia · 1€ · Durante as férias de verão os grupos organizados de Juntas de Freguesia e Câmaras Municipais poderão usufruir de um desconto de 50%

Michael E. Smith

Até 13 de maio

Galeria 1

Para mais informações ver páginas 58 e 59

Histórias embrulhadas Pré-escolar

Que histórias têm os objetos para nos contar? De onde vêm e onde estão? Nesta visita imprevista vamos desembulhar ideias e surpreender-nos com os misteriosos objetos!

Conceção Ana Nunes e Ana Teresa Magalhães

Objetos mutantes 1.º e 2.º ciclos

Quantas vidas tem um objeto? Tudo tem um princípio e um fim? Com todos os sentidos em alerta vamos conhecer os objetos utilizados pelo artista, desvendar as alterações por que passaram e qual o espaço que preenchem!...

Conceção Ana Nunes e Ana Teresa Magalhães

Instantes congelados 3.º ciclo e ensino secundário

Que sensação é esta que eu sinto quando olho para uma obra de arte? Na galeria as esculturas de Michael E. Smith parecem suspensas no tempo devido a transformações que ele provoca em objetos industriais. Que lugares são estes que o artista nos tenta revelar?

Conceção Ana Nunes e Ana Teresa Magalhães

Como revolucionar uma visita guiada? Adultos e seniores

Qual é a experiência de uma visita? Como revolucionar uma visita guiada? Como trazer para a visita a memória e experiência de vida do espectador?

Conceção Ana Gonçalves e Ana Teresa Magalhães

Katinka Bock

Até 13 de maio

Galeria 2

Para mais informações ver páginas 60 e 61

Espécie de espaço?! Onde estou eu? Pré-escolar

Vamos entrar em território desconhecido: numa galeria com obras de arte a explorar. E se fôssemos arqueólogos ou exploradores? E se ninguém estiver a ver?

Conceção Irina Raimundo, Joana Ratão e Leonor Cabral

As árvores mexem e as perguntas crescem... 1.º e 2.º ciclos

Imagina esculturas que respiram, crescem e transformam-se. E se pudesses entrar na galeria e respirar com elas? Um percurso pela exposição em que és tu que escolhes como vais ver e o que mais queres saber!...

Conceção Irina Raimundo, Joana Ratão e Leonor Cabral

Galeria sem nós 3.º ciclo e ensino secundário

As obras descomplicam-se! Vamos desatar nós na galeria! Experimentar espécies de espaço criando espaço. Experimentar espécie de memória criando imaginário. E experimentar... experimentando! Uma visita que trabalha a autonomia do pensar, experimentar e conversar em volta das obras de Katinka.

Conceção Irina Raimundo, Joana Ratão e Leonor Cabral

Como revolucionar uma visita guiada? Adultos e seniores

Qual é a experiência de uma visita? Como revolucionar uma visita guiada? Conversa em torno da “invenção/imaginação” e dos objetos que povoam o espaço público. Existe a possibilidade de potenciar os objetos domesticados pelo homem?

Conceção Ana Gonçalves e Ana Teresa Magalhães

Arte Precisa-se · Programa de atividades sobre arte contemporânea, nas férias de verão

De 25 de junho a 2 de setembro · Duração 1h30 · Preço 1€ · Ideal para colónias de férias, grupos em ATL ou centros de dia · Durante as férias de verão os grupos organizados de Juntas de Freguesia e Câmaras Municipais poderão usufruir de um desconto de 50%

A partir de obras de arte da coleção (integradas no edifício da Caixa Geral de Depósitos) e das exposições de Jef Geys e de António Palolo

Neste verão as obras de arte no serão os cicerones e o cenário para muitas aventuras com arte. Ao sabor de jogos exploratórios, desafiamos grupos de todas as idades a descobrir as surpresas que elas encerram... Das exposições de arte contemporânea aos jardins e aos recantos com obras de arte escondidas, o grupo descobrirá as pistas para melhor compreender a arte e a arquitetura dos nossos tempos.

BrincArte Dos 3 aos 10 anos

Olha uma vez, agora duas e três. O que de novo vês? Atividade lúdica de descoberta das diferentes facetas, arestas, faces e perspetivas da arte.

Conceção equipa do Serviço Educativo

Hei de encontrARTE Dos 11 aos 18 anos

À aventura aprende-se muito melhor... Jogo de pistas de desafio das coisas visíveis e invisíveis nos espaços permitidos e proibidos. De bússola na mão, todos os caminhos vão dar à Culturgest. Já te encontraste? Vamo-nos perder de novo.

Conceção equipa do Serviço Educativo

Tertúlias com arte Grupos organizados de adultos

À conversa e ao intercâmbio do conhecimento. Em conversas cruzadas, palavras trocadas, ideias emprestadas e outros desafios.

Conceção equipa do Serviço Educativo



Os mediadores culturais durante esta temporada são:

Alice Neiva (artista plástica)

Ana Gonçalves (teoria da arte)

Ana Nunes (teoria da arte, expressão dramática e filosofia)

Ana Teresa Magalhães (artes visuais)

Bruno Marques (teoria da arte)

Inês Gonçalves (artes plásticas)

Inês Pinheiro (estagiária)

Irina Raimundo (artista plástica)

Isabel Gomes (produção e assistência)

Joana Barros (expressão dramática, teatro e movimento)

Joana Batel (teoria da arte)

Joana João (estagiária)

Joana Ratão (artista plástica)

João de Brito (expressão dramática... ou teatro... ou movimento...)

Leonor Cabral (expressão dramática)

Luísa Fonseca (estágio profissional)

Márcia Lança (movimento)

Maria Almeida

Mariana Lemos (movimento)

Pietra Fraga (produção)

Raquel dos Santos Arada (coordenação)

Susana R. Alves (produção e assistência)

Susana C. Alves (miscelânea de expressões)

Teresa Faria (expressão dramática)

Tiago Ortis (movimento e expressão dramática)

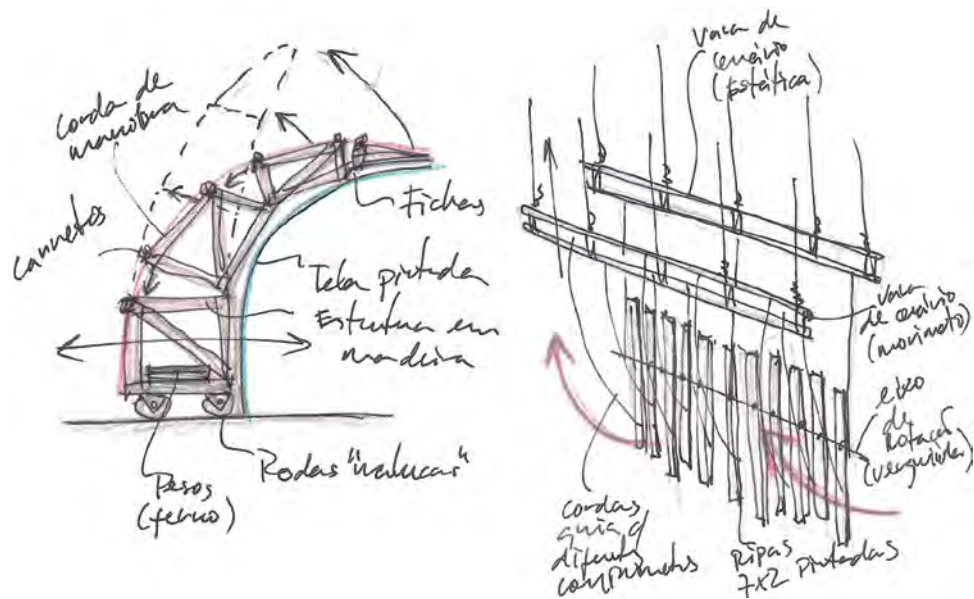
Inscrições e informações

Telefone: 21 761 90 78 · Fax: 21 848 39 03 · E-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

Horário de atendimento telefónico: das 10h30 às 12h30 e das 14h30 às 17h

Formação

Cenografias móveis



SEGUNDAS-FEIRAS DE ABRIL A JUNHO

Inscrição: 250€
Estudantes do ensino superior e profissionais do espetáculo: 200€
O pagamento deverá ser feito em duas prestações (15 de abril e 15 de maio).

Ficha de inscrição disponível em www.culturgest.pt.

A inscrição só é válida quando acompanhada de um curriculum (limitada ao número de vagas).

Para mais informações ligue 21 7905155 ou escreva para culturgest@cgd.pt

Curso dedicado à criação e execução de elementos cenográficos que se transformam, mudando de forma. A aprendizagem será eminentemente prática, numa abordagem interdisciplinar: cenografia, mecanismos cénicos, luz e vídeo.

Do curso resultará a cenografia para um espetáculo de dança no Grande Auditório da Culturgest, em que os formandos serão coletivamente autores do cenário, iluminação e vídeo sob orientação dos formadores.

A criação coreográfica será desenvolvida paralelamente ao curso, em residência artística, com alunos da Escola Superior de Dança.

Formadores

João Barros, cenógrafo – Técnicas cenográficas;
Hernani Saúde, diretor técnico do São Luiz – Técnicas cenográficas;
Paulo Ramos, diretor técnico da Culturgest – Mecanismos cénicos, iluminação;
Guilherme Martins, criador vídeo, e André Almeida, engenheiro multimédia – Criação vídeo.

Calendário

30 de abril, 7, 14 e 21 de maio

Aulas teórico práticas de Mecanismos cénicos, Técnicas cenográficas, Iluminação cénica e Criação vídeo

28 de maio e 4 de junho

Execução de maquete da cenografia, para teste à escala dos mecanismos dos cenários e das mudanças cénicas. A maquete

servirá de igual forma para experiências de luz e vídeo

11 e 12 de junho

Execução em tamanho real dos elementos cenográficos e respetivos mecanismos nas oficinas da Culturgest

14 e 15 de junho

Montagem em palco dos elementos cenográficos; testes da movimentação da cenografia

18, 19 e 20 de junho

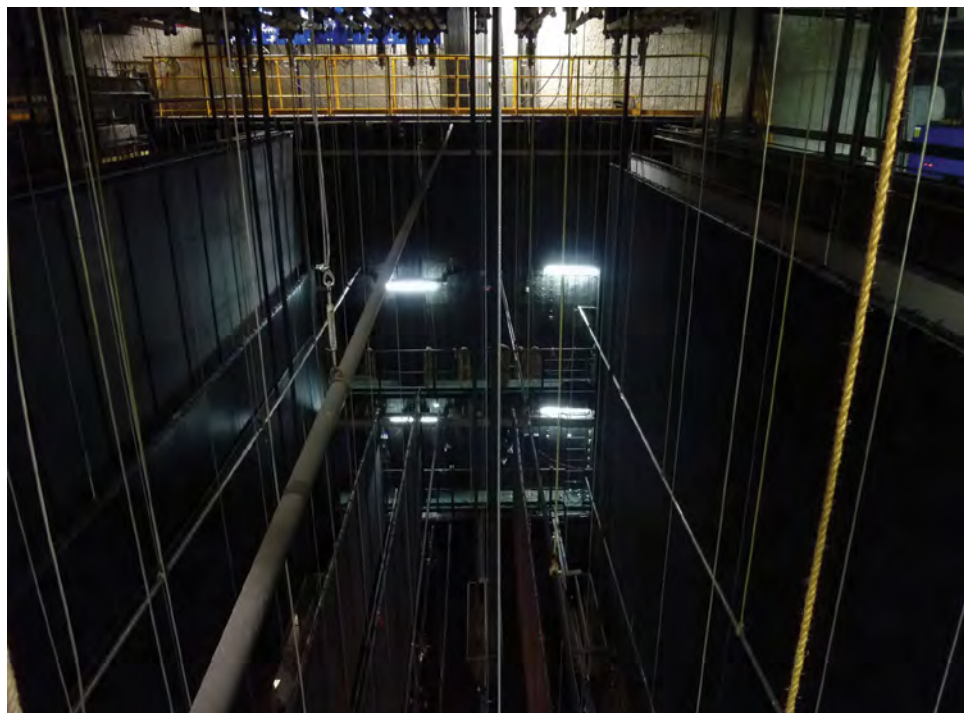
Ensaios em palco

21, 22 e 23 de junho

Espectáculos. A seguir ao espetáculo o público será convidado a subir ao palco e as diversas mutações de cenário serão repetidas e explicadas, podendo os espectadores interagir com os alunos / intérpretes e manobrar os cenários.

Salas de Espetáculos: aspectos técnicos, cénicos e arquitetónicos

2ª Edição



SEGUNDAS-FEIRAS

14, 21, 28 DE MAIO

E 4 DE JUNHO

Sala 2

Inscrição: 225€

Inscrição para membros da Ordem dos Arquitetos, da Ordem dos Engenheiros e da Ordem dos Engenheiros Técnicos: 200€

O preço de inscrição inclui documentação, certificado de participação, almoço e coffee breaks.

Ficha de inscrição disponível em www.culturgest.pt

Para mais informações ligue 21 7905155 ou escreva para culturgest@cgd.pt

Organização Culturgest, IGAC
Apoios Ordem dos Arquitetos, Ordem dos Engenheiros, Ordem dos Engenheiros Técnicos, Revista IP

Com este curso pretende-se uma abordagem transversal à temática das salas de espetáculos, desde as questões arquitetónicas (programa, dimensões, proporções), aos equipamentos cénicos (cenário, luz, som, audiovisuais) e às especificidades das instalações técnicas (acústica, segurança, estabilidade e AVAC). O curso está dividido em módulos e o enquadramento do tema será feito através dos módulos Léxico Cénico, Modelos de gestão de salas de espetáculos e Arquitetura de cena. Cada especialidade cénica será abordada num módulo específico: Mecânica de cena, Iluminação cénica, Sonorização cénica,

Comunicações cénicas e Audiovisuais. Serão ainda referidas as especificidades dos projetos de especialidades em módulos dedicados a cada especialidade: Segurança contra incêndios, Acústica, Estabilidade e AVAC. No total serão 30 horas de formação.

No âmbito do curso irão ser feitas duas visitas a salas de espetáculos.

Os destinatários são essencialmente projetistas, promotores culturais, funcionários camarários com responsabilidades na área cultural ou de obras e diretores técnicos de salas de espetáculos.

Programa

14 de maio

10h Sessão de Abertura
10h15 Léxico Cénico, Arq. Isabel Worm
11h30 Pausa para café
11h45 Modelos de gestão de salas de espetáculos, Eng. João Aidos
13h30 Almoço na Culturgest
14h45 Arquitetura de Cena, Arq. Paulo Ramos
16h15 Pausa para café
16h30 Mecânica de Cena, Arq. Flavio Tirone
18h Pausa
18h30 Conferência: Projetos de Reabilitação e modernização de teatros, Arq. Gonçalo Louro e Arq. Francisco Pólvora

21 de maio

10h São Luiz Teatro Municipal – Visita técnica
13h30 Almoço na Culturgest
14h45 Segurança contra incêndios, Arq. Paulo Ramos
16h15 Pausa para café
16h30 Iluminação cénica,

Eng. Ernesto Costa

18h Pausa

18h30 Conferência: Recuperação e restauro de salas de espetáculos, Arq. Sérgio Borges e Eng. João Appleton

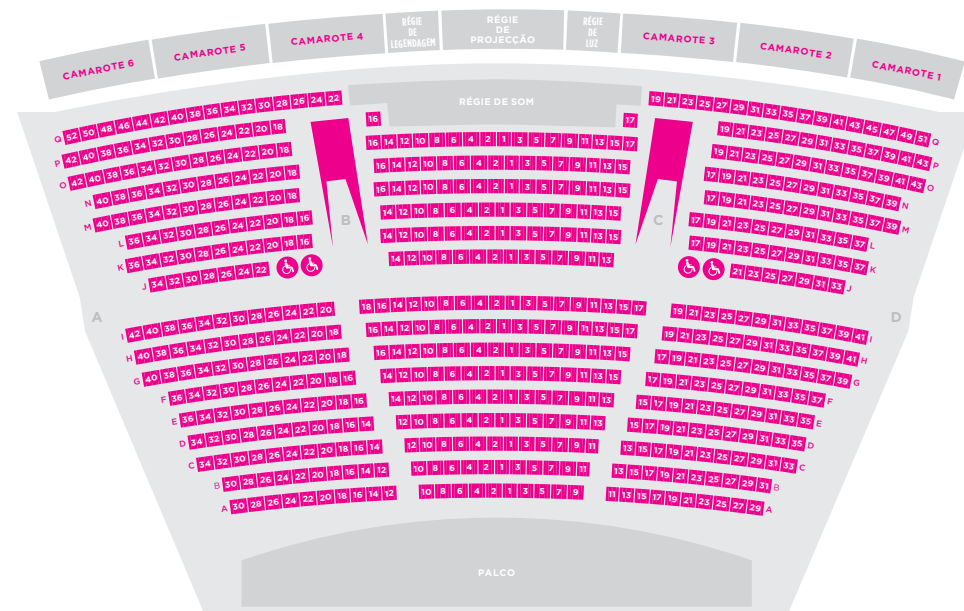
28 de maio

10h Acústica, Eng. Diogo Alarcão
11h30 Pausa para café
11h45 Sonorização cénica, Eng. Miguel Lourtie
13h30 Almoço na Culturgest
14h45 Estabilidade, Eng. Pedro Ribeiro
16h15 Pausa para café
16h30 Comunicações cénicas, Arq. Paulo Ramos
18h Pausa
18h30 Conferência: O papel do Estado na recuperação dos teatros, Eng. Joaquim Valente e Dra. Filomena Bandeira

4 de junho

10h Visita técnica a sala de espetáculos a definir
13h30 Almoço na Culturgest
14h45 AVAC, Eng. Guilherme Carrilho da Graça
16h15 Pausa para café
16h30 Audiovisuais, Américo Firmino
18h Pausa
18h30 Conferência: Evolução do lugar cénico, Arq. Luís Soares Carneiro e Arq. Paulo Ramos





Grande Auditório

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h (última admissão às 18h30).
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h (última admissão às 19h30).
Encerram à terça-feira.
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.
Em dias de espetáculo das 14h até à hora de início do mesmo.
Nos períodos em que não há exposições: de segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se bilhetes para espetáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espetáculo.

ASSINATURAS

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espetáculos, beneficiando de um desconto de 40%. São válidas no limite dos bilhetes disponíveis. As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas galerias.

DESCONTOS

Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixautomática Universidade/Politécnico**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
Entrada gratuita a titulares do cartão **ICOM** e a jovens até aos 16 anos.
Entrada gratuita a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Espetáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espetáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes) e titulares dos cartões **Caixagold**, **Visabeira Exclusive**, **Caixa Woman**, **Caixa Drive** e **Caixa Leisure**, que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixautomática Universidade/Politécnico**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** e **Caixa Activa** que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
50% a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Jovens até aos 30 anos: 5 Euros.
Preço único sem descontos.

Os descontos não são acumuláveis.

LIVRARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h.
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições.
Telefone: 21 790 51 55

CAFETARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h às 18h30.
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h.
Nos dias de espetáculo, até à hora de início do mesmo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego nº 50, 1000-300 Lisboa
Metro: Campo Pequeno
Autocarros: Campo Pequeno 54 e 56;
Av. da República 21, 36, 44, 45, 49, 83, 90, 91, 727, 732 e 738; Av. de Roma 7, 35, 727 e 767;
Praça de Londres 7, 22, 40 e 767

CULTURGEST PORTO - GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h às 18h (última admissão às 17h45)
Encerra aos domingos, feriados e nos períodos em que não há exposições.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados nº 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h às 20h
Encerra aos fins de semana e feriados
Largo do Chiado nº 8, 1249-125 Lisboa
Telefone: 21 323 73 35
www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest
21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ticketline

Reservas e informações 1820 (24 horas)
Pontos de venda Agências Abreu, Galeria Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa, C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac, Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Acesso a deficientes

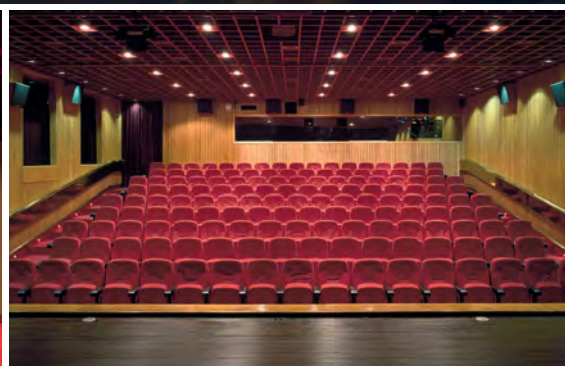
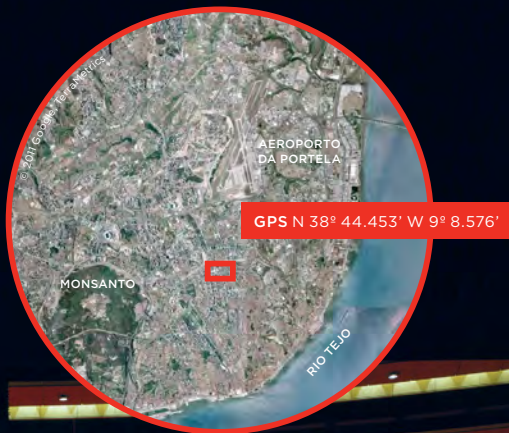
Áreas acessíveis a deficientes, por rampas ou elevadores: bilheteira, galerias e auditórios. Assistência a deficientes motores sempre que requisitada previamente na bilheteira. Entrada gratuita concedida a um acompanhante, no limite dos lugares disponíveis.

Programa sujeito a alterações.

[As bilheteiras, as galerias e a livraria encerram nos dias 6 e 8 de abril.](#)

[Informamos que, para economizar energia e por razões ambientais, deixou de estar disponível o estacionamento no edifício da Caixa Geral de Depósitos para os portadores de bilhetes para os espetáculos ou de convites para as inaugurações.](#)

Não faça do seu evento
um acontecimento periférico.
**Temos o espaço para si
no centro de Lisboa.**
Venha conhecer-nos.



Informações 21 790 54 54
culturgest.ac@cgd.pt
www.culturgest.pt

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

APOIOS



Apoio na divulgação:



Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego nº 50, Piso 1, 1000-300 Lisboa
Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03 · culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Se quiser receber a programação da Culturgest
telefone-nos, escreva-nos, envie um fax ou um e-mail
para culturgest.newsletter@cgd.pt

▼ Destaque pelo picotado e dobre em três partes ▼

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h
(última admissão às 18h30).

ENCERRAM À TERÇA-FEIRA.

Sábados, domingos e feriados, das 14h
às 20h (última admissão às 19h30).

Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.

Em dias de espetáculo das 14h até à hora

de início do mesmo. Nos períodos em que não

há exposições: de segunda a sexta-feira

das 11h às 19h. Sábados, domingos e feriados

das 14h às 20h.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h.

Encerra à terça-feira e nos períodos em

que não há exposições patentes. Sábados,

domingos e feriados das 14h às 20h.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se

bilhetes para espetáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas
por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser
levantados até 48 horas antes do espetáculo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego nº 50, 1000-300 Lisboa

CULTURGEST PORTO – GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h
às 18h (última admissão às 17h45)

ENCERRA AOS DOMINGOS E FERIADOS.

Edifício Caixa Geral de Depósitos

Avenida dos Aliados nº 104, 4000-065 Porto

Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h às 20h

Encerra aos fins de semana e feriados.

Largo do Chiado nº 8, 1249-125 Lisboa

Telefone: 21 323 73 35

www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest

21 790 51 55

culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ticketline Reservas e informações: 1820 (24h)

Pontos de venda: Agências Abreu, Galeria

Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa,

C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac,

Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

ABRIL AGOSTO 2012

CALENDÁRIO

Culturgest
uma casa do mundo